



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
8º LEVANTAMENTO

Maio 2026
volume 13
NÚMERO

8

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Fernanda Machiaveli Morão de Oliveira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Silvio Isoppo Porto

Diretor-Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Benhur Borba Freitas

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas interino (Digep)

Benhur Borba Freitas

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretora-Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Naiara Andreoli Bittencourt

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Coughlan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo
Pedro Muller Metsavaht Salomão

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriella de Jesus Teixeira
Lucas Barbosa Fernandes
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer
Viviane Silveira Anjos
Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz, feijão e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins.



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
8º LEVANTAMENTO

Copyright © 2026– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Marília Malheiro Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos
Acervo Conab

Normalização
Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 8 oitavo levantamento, maio 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
24	ANÁLISE DAS CULTURAS
24	ALGODÃO
37	ARROZ
49	FEIJÃO
76	MILHO
99	SOJA
110	TRIGO
116	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
129	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



Resumo executivo

A estimativa de produção brasileira de grãos confirma um novo recorde para o setor agrícola. A pesquisa de campo, realizada em abril, indica 358 milhões de toneladas, 1,6% ou 5,7 milhões de toneladas superior ao registrado na safra 2024/25.

A safra recorde deve-se, principalmente, ao bom desempenho das culturas de soja, com aumento de 8,6 milhões de toneladas; do milho primeira safra, com acréscimo de 3,5 milhões de toneladas; e do sorgo, com incremento de 1,5 milhão de toneladas em relação ao volume colhido na safra anterior.

Entretanto, outras culturas apresentam redução na produção. Ao comparar com a última temporada, recorde até então, o milho segunda safra deve reduzir 4,8 milhões de toneladas. No arroz, estima-se uma produção de 1,7 milhão de toneladas menor em relação ao último ciclo, assim como o trigo, com decréscimo estimado de 1,5 milhão de toneladas.

A área cultivada, ainda sujeita à confirmação da semeadura das culturas de terceira safra e inverno, está estimada em 83,5 milhões de hectares, representando crescimento de 2,2%. Esse incremento corresponde à incorporação de 1,8 milhão de hectares em relação à safra anterior.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

produção é estimada em 969,1 mil toneladas. O feijão segunda safra tem previsão de 1,2 milhão de toneladas, com os estádios das lavouras, desde o desenvolvimento vegetativo a início de colheita. Para o feijão terceira safra, com previsão de produção em 702,6 mil toneladas, o plantio está em andamento.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.039,7	(2,2)	2.776	2.764	(0,4)	5.789,9	5.636,9	(2,6)
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.039,7	(2,2)	1.957	1.948	(0,5)	4.081,5	3.973,4	(2,6)
AMENDOIM TOTAL	280,4	282,1	0,6	4.136	4.279	3,5	1.159,7	1.206,8	4,1
Amendoim 1ª Safra	273,1	274,8	0,6	4.202	4.348	3,5	1.147,6	1.194,7	4,1
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,3	-	1.662	1.681	1,1	12,1	12,1	-
ARROZ	1.763,9	1.522,1	(13,7)	7.233	7.281	0,7	12.757,7	11.082,8	(13,1)
Arroz sequeiro	394,6	268,4	(32,0)	2.935	2.588	(11,8)	1.158,2	694,8	(40,0)
Arroz irrigado	1.369,3	1.253,7	(8,4)	8.471	8.286	(2,2)	11.599,5	10.388,0	(10,4)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.530,8	(6,0)	1.136	1.146	0,9	3.059,9	2.901,4	(5,2)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	794,5	(12,5)	1.170	1.220	4,3	1.062,7	969,1	(8,8)
Cores	347,3	333,2	(4,1)	1.707	1.800	5,5	592,8	599,8	1,2
Preto	169,0	117,8	(30,3)	1.953	1.773	(9,3)	330,2	208,8	(36,8)
Caupi	392,2	343,5	(12,4)	356	467	31,1	139,7	160,5	14,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.309,4	(6,5)	953	939	(1,4)	1.333,6	1.229,7	(7,8)
Cores	294,6	299,6	1,7	1.499	1.609	7,3	441,6	481,9	9,1
Preto	286,6	177,4	(38,1)	1.616	1.664	3,0	463,2	295,3	(36,2)
Caupi	818,9	832,4	1,6	524	544	3,8	428,9	452,3	5,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	426,9	11,1	1.726	1.646	(4,7)	663,7	702,6	5,9
Cores	326,5	361,0	10,6	1.881	1.802	(4,2)	614,2	650,6	5,9
Preto	14,1	14,1	-	1.268	1.145	(9,7)	17,9	16,2	(9,5)
Caupi	43,8	51,8	18,3	721	695	(3,7)	31,6	36,0	13,9
GERGELIM	608,0	573,8	(5,6)	657	661	0,6	399,4	379,0	(5,1)
GIRASSOL	61,9	70,1	13,2	1.622	1.602	(1,2)	100,4	112,3	11,9
MAMONA	69,6	78,8	13,2	1.437	2.028	41,1	100,0	159,8	59,7
MILHO TOTAL	21.838,0	22.555,9	3,3	6.464	6.214	(3,9)	141.157,6	140.171,3	(0,7)
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.088,3	8,4	6.610	6.962	5,3	24.935,8	28.461,4	14,1
Milho 2ª Safra	17.430,3	17.790,8	2,1	6.496	6.096	(6,2)	113.228,4	108.455,4	(4,2)
Milho 3ª Safra	635,1	676,8	6,6	4.714	4.809	2,0	2.993,6	3.254,5	8,7
SOJA	47.346,1	48.716,5	2,9	3.622	3.698	2,1	171.480,5	180.129,6	5,0
SORGO	1.632,0	2.053,6	25,8	3.739	3.680	(1,6)	6.102,2	7.556,7	23,8
SUBTOTAL	78.378,5	80.423,4	2,6	4.365	4.344	(0,5)	342.107,3	349.336,6	2,1
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	545,8	508,1	(6,9)	2.368	2.260	(4,6)	1.292,3	1.148,4	(11,1)
CANOLA	211,9	276,8	30,6	1.627	1.620	(0,4)	344,8	448,4	30,0
CENTEIO	2,1	2,2	4,8	2.381	2.273	(4,5)	5,0	5,0	-
CEVADA	139,2	156,8	12,6	4.358	3.912	(10,2)	606,6	613,4	1,1
TRIGO	2.445,9	2.140,3	(12,5)	3.219	2.985	(7,3)	7.873,4	6.388,1	(18,9)
TRITICALE	11,4	11,4	-	3.211	2.947	(8,2)	36,6	33,6	(8,2)
SUBTOTAL	3.356,3	3.095,6	(7,8)	3.027	2.790	(7,8)	10.158,7	8.636,9	(15,0)
BRASIL (2)	81.734,8	83.519,0	2,2	4.310	4.286	(0,6)	352.266,0	357.973,5	1,6

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em maio/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.958,4	6.334,2	6,3	3.804	3.868	1,7	22.664,3	24.498,3	8,1
RR	171,9	181,5	5,6	4.027	3.866	(4,0)	692,3	701,7	1,4
RO	1.242,8	1.214,0	(2,3)	4.369	4.317	(1,2)	5.429,7	5.241,3	(3,5)
AC	68,7	73,2	6,6	3.082	3.247	5,4	211,7	237,7	12,3
AM	28,6	30,7	7,3	3.024	2.837	(6,2)	86,5	87,1	0,7
AP	14,0	15,7	12,1	2.143	2.255	5,2	30,0	35,4	18,0
PA	2.023,8	2.261,5	11,7	3.480	3.660	5,2	7.042,0	8.276,0	17,5
TO	2.408,6	2.557,6	6,2	3.808	3.878	1,8	9.172,1	9.919,1	8,1
NORDESTE	10.041,6	10.401,0	3,6	3.129	3.309	5,7	31.420,6	34.411,8	9,5
MA	2.257,6	2.322,4	2,9	3.895	3.898	0,1	8.792,4	9.052,6	3,0
PI	1.942,6	2.008,9	3,4	3.221	3.624	12,5	6.258,0	7.281,0	16,3
CE	938,7	907,5	(3,3)	379	778	105,2	356,1	706,4	98,4
RN	112,6	107,0	(5,0)	274	392	43,2	30,8	41,9	36,0
PB	224,2	220,4	(1,7)	388	528	36,0	87,0	116,3	33,7
PE	370,7	368,6	(0,6)	947	930	(1,8)	351,1	342,9	(2,3)
AL	59,3	63,1	6,4	3.578	3.558	(0,6)	212,2	224,5	5,8
SE	194,7	194,5	(0,1)	6.738	5.967	(11,4)	1.311,9	1.160,5	(11,5)
BA	3.941,2	4.208,6	6,8	3.558	3.680	3,4	14.021,1	15.485,7	10,4
CENTRO-OESTE	36.724,5	37.798,6	2,9	4.882	4.686	(4,0)	179.286,7	177.140,6	(1,2)
MT	22.300,1	22.769,6	2,1	5.040	4.890	(3,0)	112.395,7	111.352,3	(0,9)
MS	6.645,0	6.891,7	3,7	4.303	4.327	0,5	28.596,4	29.820,1	4,3
GO	7.593,0	7.948,6	4,7	4.921	4.408	(10,4)	37.363,1	35.039,0	(6,2)
DF	186,4	188,7	1,2	4.997	4.924	(1,5)	931,5	929,2	(0,2)
SUDESTE	6.994,0	7.132,4	2,0	4.311	4.338	0,6	30.153,3	30.939,9	2,6
MG	4.298,0	4.358,9	1,4	4.283	4.350	1,6	18.408,6	18.960,5	3,0
ES	25,2	25,6	1,6	2.829	2.660	(6,0)	71,3	68,1	(4,5)
RJ	2,8	2,6	(7,1)	3.286	3.423	4,2	9,2	8,9	(3,3)
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.336	(0,8)	11.664,2	11.902,4	2,0
SUL	22.016,3	21.852,8	(0,7)	4.031	4.163	3,3	88.741,1	90.982,9	2,5
PR	9.954,9	10.305,1	3,5	4.491	4.499	0,2	44.710,3	46.363,7	3,7
SC	1.429,0	1.440,4	0,8	5.690	5.562	(2,2)	8.131,3	8.011,8	(1,5)
RS	10.632,4	10.107,3	(4,9)	3.376	3.622	7,3	35.899,5	36.607,4	2,0
NORTE/NORDESTE	16.000,0	16.735,2	4,6	3.380	3.520	4,1	54.084,9	58.910,1	8,9
CENTRO-SUL	65.734,8	66.783,8	1,6	4.536	4.478	(1,3)	298.181,1	299.063,4	0,3
BRASIL	81.734,8	83.519,0	2,2	4.310	4.286	(0,6)	352.266,0	357.973,5	1,6

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em maio/2026.



Introdução

A Conab apresenta o oitavo levantamento da safra 2025/26, com estimativa de aumento da produção em relação ao ciclo anterior. As lavouras de primeira safra encontram-se em finalização de colheita, enquanto as de segunda safra avançam no desenvolvimento.

Dentre os dois principais grãos, estima-se um aumento na produção de soja em relação ao período anterior, o que representa um novo recorde. Já a estimativa da produção do milho aponta ligeira redução, influenciada pela menor produtividade do milho segunda safra.

O levantamento sugere volume inferior na produção total do arroz e feijão, com relação ao último ciclo, resultado da menor área cultivada. Apesar disso, ambas as culturas apresentam manutenção na produtividade média e formação de estoques suficientes para suprir a demanda pelos alimentos.

Agradecemos o papel essencial dos colaboradores da Conab em todas as Unidades da Federação e pelo levantamento das informações que fundamentam este boletim. Também foi destacada a valiosa contribuição de diversas entidades, tanto públicas quanto privadas, ao fornecer dados indispensáveis para a estimativa da safra brasileira de grãos.

As estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas esperadas até o final do cultivo. No entanto, sempre há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, por meio de interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e mediante investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



Análise Climática¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE ABRIL

Em abril de 2026, as chuvas foram acima de 150 mm na Região Norte, centro-norte da Região Nordeste e parte de Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Nas demais áreas, os volumes de chuva variaram entre 50 mm e 100 mm, exceto no norte de Minas Gerais, sul do Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro, onde os valores foram inferiores a 40 mm. No geral, notou-se uma redução dos níveis de umidade do solo no Centro-Leste do Brasil.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm e os maiores volumes de chuva concentraram-se no Amapá e nordeste do Pará, onde os acumulados de chuva ultrapassaram os 300 mm. Este cenário contribuiu para a manutenção dos níveis de umidade do solo elevados.

Na Região Nordeste, as chuvas foram acima de 150 mm no Maranhão, centro-norte do Piauí, no Ceará, no Rio Grande do Norte e na Paraíba, além do leste de Pernambuco e Alagoas. Destaque para o noroeste do Maranhão, onde os acumulados foram superiores a 400 mm. Nestas áreas, o armazenamento

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

hídrico se manteve elevado. No restante da região os volumes de chuva foram inferiores a 120 mm. Na porção centro-sul da Bahia, os valores não ultrapassaram os 50 mm, havendo redução dos níveis de umidade do solo. Este cenário foi desfavorável às lavouras de milho primeira safra, ainda em enchimento de grãos.

Os maiores volumes de chuva na Região Centro-Oeste foram registrados no norte e oeste de Mato Grosso, com acumulados superiores a 150 mm. Nas demais áreas da região, os volumes foram menores, resultando na redução do armazenamento hídrico no solo e, conseqüentemente, em restrições ao desenvolvimento das lavouras de algodão e milho segunda safra.

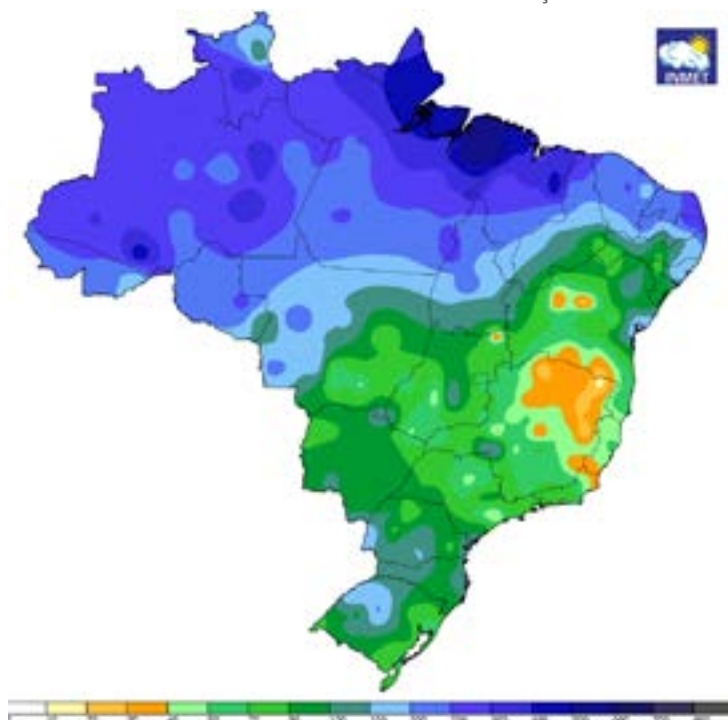
Na Região Sudeste, os acumulados de chuva foram superiores a 80 mm em áreas do sul de São Paulo e de Minas Gerais. Em contrapartida, no norte de Minas Gerais e na divisa entre o Espírito Santo e Rio de Janeiro, os volumes ficaram abaixo de 30 mm. De modo geral, os baixos volumes de chuva causaram restrição hídrica em lavouras de milho e feijão segunda safra.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 70 mm em grande parte da região. Destaque para o sudoeste do Paraná, oeste de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul, onde as chuvas ultrapassaram os 150 mm. Estas condições elevaram a umidade do solo nestas áreas, favorecendo os cultivos de segunda safra.

Em abril, as temperaturas máximas permaneceram acima de 30 °C em grande parte das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Os maiores valores foram registrados em áreas da Região Centro-Oeste, de Tocantins e do oeste da Bahia. Já no leste das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas máximas ficaram abaixo de 26 °C.

Em relação às temperaturas mínimas, os valores superaram 22 °C em grande parte das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Nas Regiões Sul e Sudeste, as mínimas ficaram abaixo de 18 °C, refletindo em condições mais amenas. Destacam-se, ainda, episódios isolados de frio no final de abril, com registro de geadas em áreas pontuais da Região Sul, associados à atuação de uma massa de ar polar de fraca intensidade.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM ABRIL DE 2026



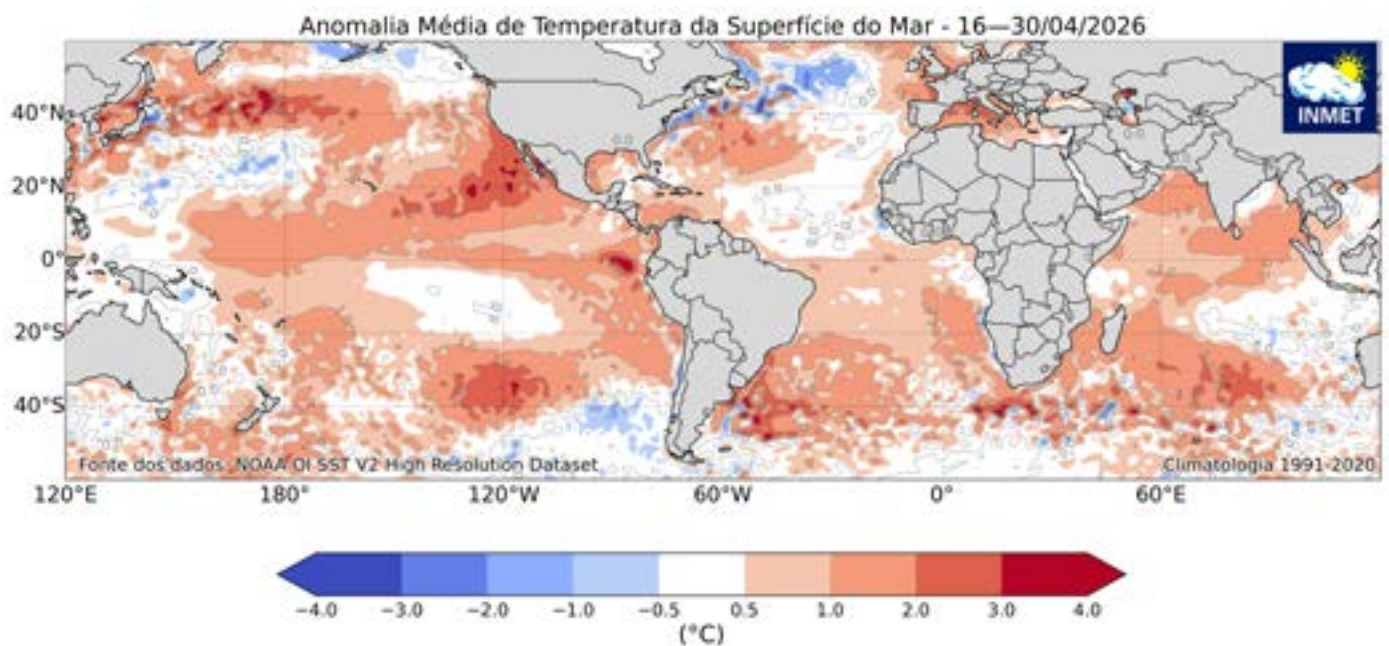
Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 30 de abril de 2026. Nesse intervalo, foram registrados valores entre 0,5 °C e 2° C ao longo da faixa longitudinal, compreendida entre 90°W e 160°E, indicando temperaturas acima da média climatológica e superiores às observadas no mês anterior. As águas mais aquecidas concentraram-se na costa oeste da América do Sul, entre

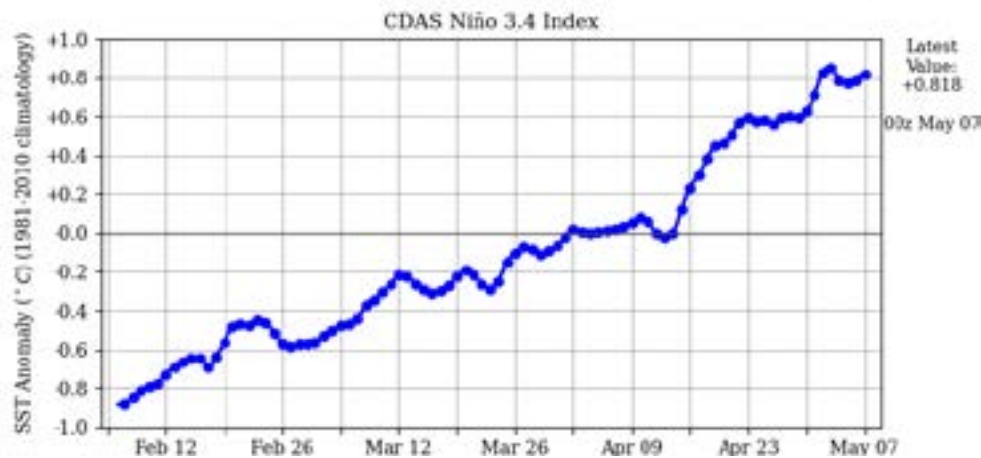
80°W e 100°W, onde as anomalias variaram entre 2 °C e 3 °C. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4, delimitada entre 170°W e 120°W, verificaram-se valores positivos ao longo de abril, evidenciando um rápido aquecimento das águas do Oceano Pacífico Equatorial. Na segunda quinzena do mês, essas anomalias ultrapassaram 0,5 °C, sinalizando uma possível transição da condição de neutralidade para um futuro evento de El Niño. Contudo, para a caracterização oficial do fenômeno, é necessária a persistência desse aquecimento por, no mínimo, três meses consecutivos.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 30 DE ABRIL DE 2026



Fonte: NOAA.

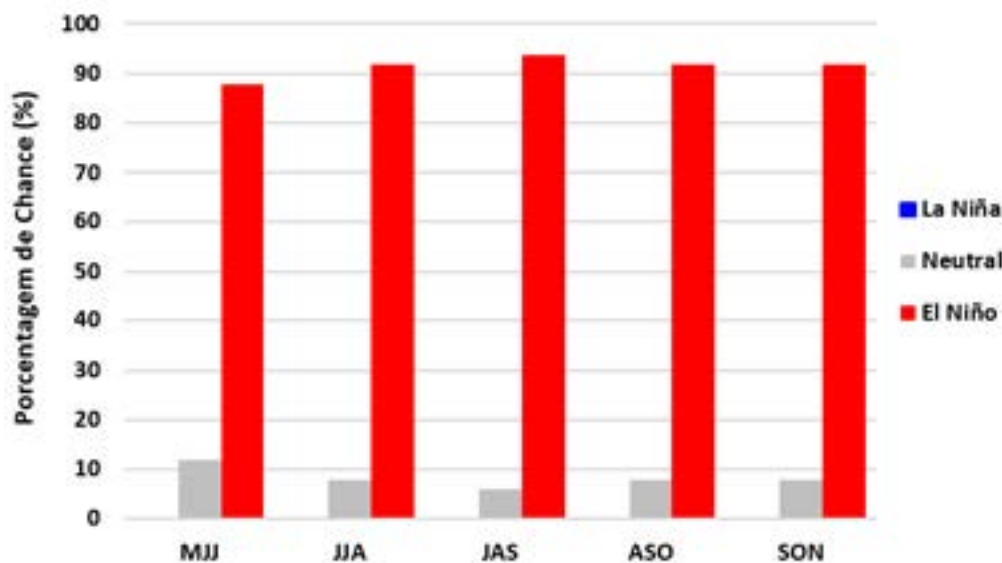
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para a transição das condições de Neutralidade para El Niño (fase quente), durante o trimestre maio, junho e julho, com probabilidade de 88%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

1.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MAIO, JUNHO E JULHO DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do INMET, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas acima da média em grande parte das Regiões Norte e Nordeste, além de áreas de Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Nas demais áreas, são previstas chuvas próximas ou abaixo da média.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas acima da média em grande parte da Região Norte, favorecendo a manutenção de elevados níveis de umidade no solo, principalmente na porção norte da região. Por outro lado, são previstas chuvas próximas ou abaixo da média no sul de Tocantins, leste do Acre, sul de Rondônia e na faixa de divisa entre Amazonas e Roraima. Destaca-se ainda que, com a aproximação do inverno, aumenta a probabilidade de redução gradual das chuvas no sul da região amazônica a partir de junho, o que tende a diminuir progressivamente os níveis de umidade do solo nessas áreas.

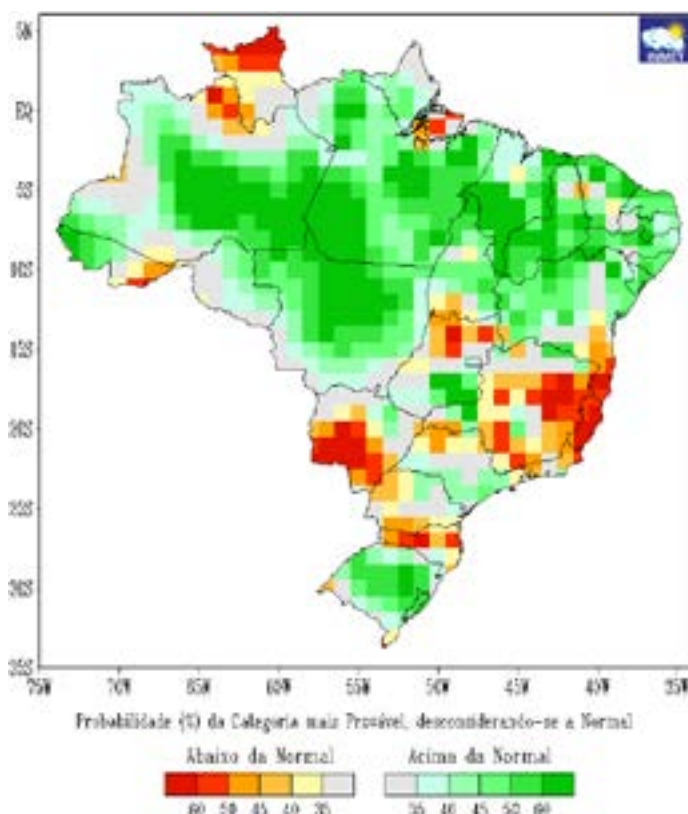
Na Região Nordeste, a previsão indica chuvas acima da média, concentrando-se principalmente nas faixas norte e leste da região. No sul da Bahia, a tendência é de ocorrência de chuvas mais irregulares ao longo do final do trimestre, condição que pode favorecer a redução gradual dos níveis de umidade do solo, incluindo áreas da região do Matopiba.

Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, são previstas chuvas próximas e abaixo da média. Em Mato Grosso, sudeste de Goiás e leste de São Paulo, podem ocorrer volumes acima da média. Entretanto, com aproximação do inverno, existe uma tendência sazonal de redução das chuvas, especialmente em junho e julho, e de diminuição dos níveis de umidade de solo.

Na Região Sul, são previstas chuvas próximas ou abaixo da média para Paraná e Santa Catarina. Já no Rio Grande do Sul, as chuvas podem ficar acima da média, e os níveis de umidade do solo devem permanecer satisfatórios em grande parte da região durante o trimestre.

As temperaturas médias do ar devem permanecer próximas ou acima da média histórica em grande parte do país. Valores superiores a 25 °C são previstos para a Região Norte, centro-norte da Região Nordeste e norte de Mato Grosso. Já nas Regiões Sul e Sudeste, áreas de Mato Grosso do Sul, porções leste e sul de Goiás, Distrito Federal e sul de Mato Grosso, temperaturas mais amenas e inferiores a 22 °C podem ocorrer. Destacam-se ainda, as áreas de maior altitude das Regiões Sul e Sudeste, onde as temperaturas podem ficar abaixo de 15 °C, especialmente durante a atuação de massas de ar frio.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE MAIO, JUNHO E JULHO DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [site do Inmet](#).

Análise das Culturas



ALGODÃO

ÁREA

2.039,7 mil ha

- 2,2%

PRODUTIVIDADE

1.948 kg/ha

- 0,5%

PRODUÇÃO

3.973,4 mil t

- 2,6%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.957	4.081,5
2025/26	Abr./26	2.041,5	3.843,2
	Mai./26	2.039,7	3.973,4

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A produção de pluma de algodão, na safra 2025/26, está estimada em 3.973,4 mil toneladas, frente a 4.081,5 mil toneladas na safra 2024/25, representando variação negativa de 2,6%. O recuo da produção está associado principalmente à redução da área cultivada, com destaque para Mato Grosso, além da queda de produtividade observada em Mato Grosso do Sul, Bahia e Piauí. Embora haja ganhos de rendimento em unidades como Pará, Ceará, Paraíba, Minas Gerais e Paraná, esses avanços não são suficientes para compensar as reduções nos principais polos produtores, resultando na retração da produção nacional.

Em relação às fases fenológicas, observa-se o início da colheita em Mato Grosso do Sul, enquanto São Paulo apresenta parcela inicial das áreas já colhidas e o Paraná registra mais da metade da área colhida. De forma geral, a maior parte das lavouras encontra-se em fase de formação de maçãs, restando apenas uma pequena proporção ainda em desenvolvimento vegetativo, concentrada na Bahia, Goiás e Minas Gerais.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as condições meteorológicas foram favoráveis à cultura, com bons níveis de insolação, temperatura e precipitação ao longo do período. O balanço climático positivo contribuiu para o desenvolvimento adequado das lavouras nas diferentes fases fenológicas, com desempenho reprodutivo considerado satisfatório.

A sanidade das lavouras segue como ponto de atenção, diante da pressão do complexo de lagartas e da incidência de bicudo-do-algodoeiro. As janelas climáticas mais restritas têm dificultado a realização integral das aplicações

de defensivos, exigindo maior rigor no monitoramento e no planejamento das intervenções, a fim de evitar perdas no potencial produtivo.

Bahia: estima-se aumento do cultivo em relação à safra passada, com expansão das áreas irrigadas e redução do cultivo de sequeiro. A retração da área de sequeiro está associada ao maior risco climático.

As condições climáticas permanecem favoráveis, com precipitações regulares, embora em menor volume em relação ao mês anterior, sobretudo na região centro-sul do estado. Esse cenário tem sustentado o bom desenvolvimento das lavouras, sem registros de perdas significativas por pragas e doenças, mantendo a expectativa de produtividades em patamares elevados.

As áreas de sequeiro encontram-se majoritariamente em fase de frutificação, enquanto as áreas irrigadas avançam entre o desenvolvimento vegetativo e a frutificação.

No manejo fitossanitário, segue o monitoramento de mosca-branca e bicudo-do-algodoeiro. Há risco de migração da mosca-branca das áreas de soja para o algodão em frutificação, podendo afetar produtividade e qualidade. O bicudo apresenta aumento de infestação em relação à safra anterior, porém ainda sem impacto econômico relevante, associado à dificuldade de controle de plantas voluntárias no período de vazio sanitário.

Minas Gerais: as lavouras de algodão apresentam boas condições de desenvolvimento, com as áreas irrigadas já em formação de botões florais e início de floração, enquanto as áreas de sequeiro avançam para a formação de maçãs no terço inferior das plantas.

Em relação à área, parte dos produtores não conseguiu colher a soja em tempo hábil para a semeadura do algodão, optando pela desistência do

plantio. Nesse cenário, a estimativa de área cultivada no estado foi novamente reduzida.

Por outro lado, o aumento da participação das áreas irrigadas em relação às de sequeiro sustenta a expectativa de elevação da produtividade média da cultura.

Mato Grosso do Sul: na região sul-fronteira, a colheita foi iniciada após a primeira quinzena de abril. O cenário climático favorável, caracterizado por períodos de sol intercalados com pancadas de chuva, contribuiu para o bom andamento das operações na região.

Na região norte, por outro lado, as chuvas ocorreram de forma isolada, sem abrangência em toda a área produtora, mantendo os níveis de umidade do solo próximos ao limite e demandando regularização das precipitações.

Nas demais regiões, as lavouras encontram-se majoritariamente em fase de enchimento das maçãs, com alguns talhões já iniciando a abertura de capulhos no terço inferior das plantas. Nas áreas implantadas em janeiro, o uso de reguladores de crescimento foi estratégico, permitindo melhor controle do porte das plantas e favorecendo o manejo da cultura.

No aspecto fitossanitário, a atenção está voltada principalmente ao controle da mosca-branca, cuja incidência tem elevado os custos de produção e impactado a qualidade da pluma, em razão da ocorrência de mela do algodão, exigindo intensificação das aplicações, além do inicialmente planejado.

Maranhão: a área total de algodão no estado, correspondente a áreas de primeira e segunda safras, apresenta redução em comparação à safra anterior. A produtividade ponderada prevista mantém-se em patamar levemente superior, enquanto a produção estimada é inferior à da safra passada.

O cultivo da primeira safra concentra-se nos municípios de Balsas, Tasso Fragoso e Alto Parnaíba, no sul do estado. A área apresenta expansão em relação ao ciclo anterior, impulsionada pela substituição de áreas anteriormente destinadas à soja. A produtividade e a produção também indicam aumento, refletindo o bom desempenho das lavouras.

O algodão primeiro safra foi implantado entre o final do período chuvoso anterior e o início do seguinte e, atualmente, as lavouras encontram-se em formação de maçãs, com bom estabelecimento, elevado potencial produtivo e adequada distribuição de estruturas reprodutivas. O manejo fitossanitário tem sido conduzido de forma intensiva, com foco no controle do bicudo-do-algodoeiro e na proteção das estruturas em formação.

Observa-se, contudo, pressão elevada de mosca-branca, associada ao atraso na colheita da soja, o que favoreceu a permanência do hospedeiro e a migração da praga para as lavouras de algodão, aumentando a dificuldade de controle. As condições de elevada umidade também favoreceram a ocorrência de doenças foliares, demandando adoção de estratégias preventivas, com antecipação e intensificação das aplicações de fungicidas.

A segunda safra foi semeada após o início da colheita da soja e apresenta redução de área em relação ao ciclo anterior em virtude da limitação da janela de plantio. A produtividade apresenta expectativa positiva.

As lavouras da segunda safra encontram-se em fase de floração, com bom estabelecimento, plantas vigorosas e adequada retenção de botões florais, indicando bom potencial produtivo.

Piauí: historicamente, a cultura tem se desenvolvido em boas condições, expressando elevado potencial produtivo em virtude de sua implantação coincidir com o período de maiores índices pluviométricos. Nesta safra, as

condições climáticas voltaram a se mostrar favoráveis, contribuindo para a adequada implantação e bom desenvolvimento das lavouras, que se encontram em fase de formação de maçãs.

Confirma-se aumento de área em relação à estimativa inicial, movimento que tende a se manter nas próximas safras. Quanto à produtividade, embora se projete pequena redução, há o bom desenvolvimento das lavouras e uma maior participação de áreas irrigadas, sustentando as expectativa de bons rendimentos.



Foto 1 - Algodão - Formação de maçãs - Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

Goiás: a área de algodão foi reajustada, com a inclusão de áreas semeadas após a colheita da soja. A maior parte das lavouras de sequeiro encontra-se em fase reprodutiva, abrangendo floração, formação de maçãs e início de abertura de capulhos nas partes inferiores, em algumas áreas. As áreas irrigadas mais recentes foram semeadas no início do período e estão em fase de desenvolvimento vegetativo.

Apesar das chuvas menos favoráveis na última quinzena de abril, a disponibilidade hídrica no solo tem se mantido adequada, em razão do

bom sistema radicular das plantas e da conservação da umidade, o que tem sustentado o desenvolvimento da cultura. No entanto, grande parte das lavouras está em fase de enchimento de maçãs, etapa altamente dependente da disponibilidade de água no solo.

Na região sul, há relatos de maior pressão de bicudo-do-algodoeiro em relação ao ciclo anterior, embora o manejo fitossanitário esteja sendo conduzido dentro dos padrões recomendados.



Foto 2 - Algodão - Formação de maçãs - Chapadão do Céu-GO

Fonte: Conab.

Rondônia: as chuvas frequentes têm contribuído para a manutenção da umidade do solo e favorecido o desenvolvimento das lavouras, especialmente da segunda safra, que se encontram em fase de formação de maçãs e início de definição do potencial produtivo.

Por outro lado, a elevada umidade impõe desafios ao manejo fitossanitário, exigindo monitoramento constante para o controle de pragas e doenças, a fim de preservar a qualidade da fibra. As lavouras apresentam predominância de áreas em formação de capulhos, com parcelas já iniciando a maturação, configurando um período crítico do ciclo.

Tocantins: o acumulado de chuvas entre o final de março e o início de abril apresentou volumes considerados satisfatórios nas regiões produtoras de algodão primeira safra, com a cultura em fase de maturação. O desenvolvimento das lavouras da safra atual vem apresentando bom desempenho.

No município de Dianópolis, o algodão primeira safra encontra-se em fase de maturação, com intensificação das aplicações de defensivos ao longo das fases de floração e formação de maçãs, especialmente para o controle do bicudo-do-algodoeiro. O manejo fitossanitário abrange ainda o controle de mosca-branca, pulgões, lepidópteros e ácaros. No município de Mateiros, há registro de ataque de bicudo, com controle sendo realizado.

Também é realizado o uso de reguladores de crescimento, com o objetivo de ajustar o porte das plantas, favorecer a alocação de energia para a produção de fibras e facilitar as operações de colheita, mantendo o equilíbrio entre crescimento vegetativo e retenção de maçãs.

Na região nordeste do estado, houve substituição parcial do algodão pela soja, além de redução da área destinada ao algodão safrinha. Para a safrinha, as chuvas recentes apresentaram volumes adequados nas áreas produtoras, com a cultura em fase de formação de maçãs. Observa-se boa qualidade de pluma, favorecida pela coincidência entre a maturação e a redução das chuvas.

No município de Tocantínia, a cultura encontra-se em floração e formação de maçãs, com registro de ocorrência de ramulária, bicudo, Spodoptera e pulgões, sendo o controle realizado por meio de aplicações de defensivos.

São Paulo: na região de Holambra e Paranapanema, no sudoeste do estado, a colheita já foi iniciada, com cultivo totalmente irrigado e produtividade superior à observada na Alta Paulista. Nesta última, a colheita ocorre de

forma mais tardia, entre o final de maio e os meses seguintes, em razão do calendário de plantio mais alongado. Destaca-se ainda a redução da área em Riolândia, e colheita prevista para o período mais avançado do ciclo

Paraná: diferentemente da instabilidade e nebulosidade persistente observadas em março, abril foi marcado pela ausência de precipitações significativas nas regiões norte e noroeste do estado. Esse cenário de clima mais seco favoreceu a qualidade da fibra, ao permitir a abertura uniforme dos capulhos e a dessecação natural das plantas, reduzindo riscos de apodrecimento e amarelamento na fase final do ciclo.

O incremento de produtividade observado está diretamente associado a essas condições climáticas, que possibilitaram melhor aproveitamento do potencial produtivo em relação ao levantamento anterior. A cultura avançou para a fase final, com mais da metade da área colhida.

A produção acompanha esse desempenho, sendo beneficiada pela baixa umidade no período de colheita, o que resultou em fibra com elevada resistência e bom padrão de brancura, características que favorecem a comercialização e agregam valor ao produto, mesmo diante da menor expressão de área no estado.

Pará: a região do polo de Redenção recebeu volumes de chuvas que se mostraram favoráveis às fases de desenvolvimento vegetativo e formação de maçãs. As lavouras apresentam boas condições de campo, refletindo a combinação entre regime hídrico adequado e o uso de tecnologia, como mecanização, tratamentos culturais eficientes, sementes de elevado potencial genético e manejo nutricional adequado.

Paraíba: no Sertão, após bom volume e distribuição das chuvas em fevereiro, ocorreu veranico na primeira quinzena de março, impactando negativamente

o desenvolvimento das lavouras. Até o momento, 58,9% da intenção de plantio foi efetivada, com 54% das áreas em estágio de desenvolvimento vegetativo e condição geral variando de boa a regular.













Na região litorânea, o plantio se consolida a partir de abril. Nessa área, observa-se a atuação de agricultores em regime de integração com beneficiadoras de algodão, nas quais os produtores contribuem com a área e a mão de obra, enquanto as unidades parceiras fornecem insumos, assistência técnica, certificação orgânica e garantia de comercialização.

Ceará: na safra anterior, foram observados rendimentos bastante reduzidos para as culturas, em decorrência da escassez e da má distribuição das chuvas. Assim, mesmo diante da perspectiva de precipitações abaixo da média em 2026, pode haver melhora na safra 2025/26, desde que a distribuição hídrica ao longo dos meses seja mais regular.

Considerando o trimestre de fevereiro a abril, observa-se que o volume de chuvas tem apresentado comportamento satisfatório, com boa distribuição temporal e sem concentrações excessivas em curtos períodos. Esse padrão favorece a disponibilidade hídrica no solo e sustenta a expectativa de recuperação dos rendimentos das culturas de forma geral.

A cultura também tem apresentado expansão no estado, impulsionada por políticas de incentivo à produção, como o programa “Ouro Branco”. A iniciativa tem contribuído para o aumento das áreas plantadas em diferentes municípios, ao oferecer suporte técnico, insumos e garantia de preço mínimo ao produtor. Associado às condições climáticas mais favoráveis, esse cenário reforça a expectativa de bom desempenho produtivo na safra.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva
			 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,48			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	S/E/DV	DV/F	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/FM	DV/F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Este levantamento de Grãos, da safra 2025/26, realizado pela Conab, indica que a área dedicada ao algodão foi reduzida em 2,2% em relação à safra anterior, além de uma discreta queda de 0,5% na produtividade. Muitos produtores optaram por reduzir a área destinada à cultura nesta safra, em virtude da redução da rentabilidade que a cultura apresentou no final de 2025 e início de 2026, bem como diante das incertezas econômicas e geopolíticas. Dessa forma, para a safra 2025/26, projeta-se uma redução de 2,6% na produção do algodão em pluma em comparação com a safra anterior, a qual deverá ficar em 3,97 milhões de toneladas.

Com a retomada das aquisições de algodão pela China, sobretudo o algodão brasileiro, e uma demanda mais intensa no mercado global, as exportações apresentaram um crescimento expressivo no primeiro quadrimestre, atingindo recordes de embarques em março e abril, em comparação com os mesmos períodos de anos anteriores. No período de janeiro a abril de 2026, foram exportadas 1,3 milhão de toneladas. Diante do exposto, as exportações brasileiras de algodão em pluma neste ano devem apresentar um crescimento de 6,6%, alcançando o volume de 3,2 milhões de toneladas.

O mercado doméstico de algodão tem apresentado considerável desaceleração no primeiro quadrimestre. Os compradores demonstram uma postura bastante cautelosa e encontram dificuldades para estabelecer um acordo com os vendedores sobre o preço e/ou a qualidade dos lotes disponibilizados. Ademais, as taxas de juros restringem a capacidade de produção das indústrias e o investimento no setor, além de impactar sobre o consumo da população. Ainda assim, projeta-se um discreto aumento de 1,4% no consumo doméstico da pluma, o qual deve atingir 730 mil toneladas.

Mesmo diante da redução da produção e do aumento do consumo e das exportações, o elevado nível dos estoques de passagem deve fazer com que os estoques finais do algodão em pluma apresentem um discreto crescimento de 0,71% em comparação com o ano anterior, atingindo o patamar de 2,76 milhões de toneladas.

Diante do cenário de queda de produção, aumento das exportações e maior consumo interno de algodão, projeta-se um recuo de 4,1% no estoque final, finalizando o ano de 2026 em 2,6 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7	
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7	
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4	
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2	
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1	
2024/25	2.400,1	4.081,5	0,8	6.482,4	720,0	3.026,0	2.736,4	
2025/26	abr/26	2.736,4	3.843,2	1,0	6.580,6	730,0	3.225,0	2.625,6
	mai/26	2.736,4	3.973,4	1,0	6.710,8	730,0	3.225,0	2.755,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2026

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.522,1 mil ha

- 13,7%

PRODUTIVIDADE

7.281 kg/ha

+ 0,7%

PRODUÇÃO

11.082,8 mil t

-13,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6	
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4	
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4	
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5	
2022/23	1.479,6	6.780	10.031,8	
2023/24	1.606,6	6.583	10.577,0	
2024/25	1.764,0	7.232	12.757,5	
2025/26	Abr/26	1.533,7	7.248	11.117,1
	Mai/26	1.522,1	7.281	11.082,8

Nota: *variação (percentual) em relação à safra passada.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A safra 2025/26, para a produção de arroz, está com a colheita bem avançada, conforme a maturação dos grãos nas lavouras implantadas, e já alcança mais de 90% do total nacional. Em destaque na operação de colheita têm-se as áreas em Goiás e Mato Grosso colhidas, com 99% e 96,8%, respectivamente, sendo as áreas no Pará e Santa Catarina já concluída a operação.

Nas áreas de maior produção no país, no Rio Grande do Sul, a colheita avançou de forma significativa, alcançando mais de 90% de grãos colhidos. Confirma-se a estimativa de redução no plantio em comparação com o ciclo anterior, principalmente em razão de condições de mercado do cereal, além dos custos de produção que, de uma forma geral, influenciaram na decisão do plantio; as lavouras estão em sua maioria em fase final de maturação fisiológica.

A estimativa mostra uma redução da área de produção, comparando-se com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.253,7 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa aponta uma área de 268,4 mil hectares, uma vez que a produção estimada ainda deverá ser confirmada no decorrer do monitoramento da atual safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a colheita do arroz no estado avança em todas as regiões produtoras, atingindo 93% da área total semeada, enquanto os 7% restantes encontram-se em fase de maturação fisiológica. A operação está mais próxima da conclusão nas regiões da Planície Costeira Externa e Zona Sul, ambas com mais de 90% da área colhida.

As regiões da Fronteira Oeste, Planície Costeira Interna e Campanha também apresentam estágios avançados. Em contraste, a região Central colheu pouco mais de 80% da área, e a perspectiva de término depende das condições climáticas. Embora a ocorrência de períodos de chuva, mesmo em volumes reduzidos, tenha causado lentidão pontual no ritmo das operações de campo, não houve impacto negativo na qualidade dos grãos, que é considerada boa e dentro dos padrões esperados.

À medida que a colheita evolui, confirma-se o bom desempenho das lavouras,

reflexo direto de um manejo eficiente e de adequadas reservas hídricas nas barragens e nas áreas de produção ao longo do ciclo. Assim, manteve-se a estimativa de produtividade média final e não foram registrados fatos que justificassem a alteração na área cultivada, que representa uma redução de 6,5% em comparação à safra passada, retração motivada principalmente pelos baixos preços pagos ao produtor.

Santa Catarina: a cultura do arroz irrigado encerrou o ciclo produtivo da safra 2025/26, com colheita concluída em todas as regiões produtoras. O desenvolvimento da cultura ao longo do ciclo ocorreu dentro da normalidade, sem registro de eventos climáticos adversos de grande impacto, consolidando elevado desempenho produtivo em nível estadual. Durante o ciclo, a fenologia evoluiu de forma adequada, resultando em produtividades elevadas e boa qualidade de grãos.

As regiões do Litoral Sul, Alto Vale do Itajaí e Litoral Norte, concentraram as principais áreas de produção, mantendo padrão técnico elevado. No início do ciclo, foram registradas dificuldades no manejo de plantas daninhas, associadas à ocorrência de chuvas mais intensas e limitações no manejo da lâmina de água, favorecendo a infestação de espécies de plantas competidoras, mas sem comprometimento de forma significativa no desempenho final das lavouras, uma vez que houve o adequado controle.

As condições climáticas subsequentes foram favoráveis, contribuindo para o bom desenvolvimento vegetativo, adequado enchimento de grãos e manutenção do vigor das plantas. No aspecto fitossanitário, observou-se baixa incidência de doenças, especialmente brusone, com necessidade reduzida de aplicações fungicidas em comparação a safras anteriores, mantendo o controle eficiente. As condições durante a colheita foram, em geral, favoráveis, permitindo bom avanço das operações e contribuindo para

a qualidade final da produção.

Tocantins: as chuvas na área de produção apresentaram-se mais reduzidas, enquanto que a colheita avançou significativamente. Áreas ao sul do estado (Dueré) apresentaram redução nos rendimentos de grãos colhidos devido ao acamamento do arroz, atribuído às chuvas durante o ciclo da cultura.

Na região sudoeste (Lagoa da Confusão), apresentou clima mais encoberto e chuvoso, propiciando a infestação por brusone, o que também influenciou no rendimento das lavouras, enquanto que nas áreas de Formoso do Araguaia a colheita está próxima da conclusão. Quanto à segunda safra do arroz irrigado, o plantio foi finalizado em março, e as lavouras estão em fase vegetativa e início de emborrachamento. Para o cultivo do arroz de sequeiro, as chuvas, nos últimos trinta dias, favoreceram a fase de enchimento de grãos, e as lavouras já se encontram quase toda colhida, restando uma pequena parcela das áreas.

Maranhão: para o cultivo de arroz irrigado no estado, o plantio ocorreu na última semana de junho e foi finalizado em dezembro de 2025, correspondendo à aproximadamente 6% da área de produção de arroz total. No entanto, parte considerável da área semeada de Viana e Grajaú teve que passar por replantio, devido à infestação de pragas e por baixa germinação de sementes, não sendo possível semear toda a área prevista, além da condição de baixos preços do produto no mercado que desestimulou o plantio.

A colheita do arroz irrigado foi realizada entre outubro de 2025 e janeiro de 2026, confirmando então a redução de área plantada nesta safra. Já o plantio do arroz de sequeiro ocorreu entre dezembro de 2025 e meados de fevereiro de 2026, e a colheita foi iniciada nas áreas das regiões norte, centro, leste, oeste e sul do estado, atingindo 32% da área total plantada do estado. As lavouras encontram-se em floração, enchimento de grãos e maturação, e

a área de plantio apresentou uma significativa retração em todas as regiões produtoras, em diferentes proporções, devido, principalmente, aos preços baixos do produto no mercado, inclusive, em algumas regiões, abaixo do custo de produção, o que desestimulou o plantio, ocorrendo substituição para culturas mais rentáveis, como soja ou milho.

Na região sul do estado, áreas tradicionais de arroz foram abandonadas devido à falta de chuvas, ocorrendo a substituição pelo cultivo da soja em algumas outras regiões. Outro fator a ser considerado, para a redução de plantio, é a diminuição ou mesmo ausência de abertura de novas áreas de cultivo, quando utilizam o arroz como cultura pioneira.

Piauí: para as áreas com cultivo irrigado, o período de plantio da cultura no estado ocorre em maio. Para esta safra, deve manter uma área similar à da safra anterior, mas com provável redução. Já as áreas com o cultivo em sequeiro ocorrem geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja. Nessas áreas, a colheita alcança em torno de 65% da área, e o restante das lavouras encontram-se em maturação.

Rondônia: as lavouras já podem ser consideradas 100% colhidas. Em abril, houve um período crítico de transição climática, caracterizada pelo fim do período chuvoso e o início da transição para a estiagem, “verão amazônico”, definindo o andamento da colheita e a qualidade dos grãos, que em áreas onde a ocorrência de chuvas foi mais tardias ou ocorreu a antecipação da seca, podem ter afetado a produtividade do produto colhido, assim como chuvas excessivas que comprometeram a colheita, dificultando a entrada de máquinas e provocando acamamento das plantas, o que necessitou de monitoramento constante das chuvas para evitar perdas na colheita.



Foto 3 - Arroz - Dom Pedrito-MA

Fonte: Conab.

A safra 2025/26 apresentou um volume de produção inferior a ciclos anteriores devido à redução da área plantada.

Goiás: a colheita está praticamente finalizada no estado, com algumas áreas de pivôs em fase de maturação, que logo serão colhidas. As áreas colhidas apresentaram boas médias de produtividade. O regime de chuvas e temperaturas, de modo geral, contribuíram para o desenvolvimento da cultura, enquanto que temperaturas elevadas impediram produtividades melhores nas áreas de tabuleiros.

Paraná: as condições climáticas foram favoráveis para as bacias produtoras de arroz irrigado no estado e o predomínio de dias ensolarados, além da manutenção de temperaturas adequadas permitiram uma maturação uniforme e facilitaram a entrada das máquinas para a colheita. A ausência de precipitações volumosas foi o fator determinante para preservar a qualidade industrial e evitar perdas por acamamento, assegurando um produto final com excelente padrão comercial.

Quanto às áreas cultivadas com o arroz de sequeiro, a redução das precipitações

em abril, especialmente nas regiões norte e noroeste em fases críticas nas áreas tardias, limitou o potencial de enchimento de grãos devido à baixa umidade do solo no fechamento do ciclo, sendo o principal fator restritivo do rendimento da cultura. Já foi colhida 87% da área, sendo o restante ainda em campo considerada em condições boas, em sua maioria.

Pará: nas áreas de lavouras irrigadas, a colheita já foi encerrada, apresentando boas condições em campo, apesar da alta nebulosidade durante longos períodos de chuva ainda durante a semeadura, porém sem relatos de problemas fitossanitários, como a brusone. Para o arroz de sequeiro, dependente das precipitações, o plantio ocorreu no início das chuvas, e a média de precipitações ocorridas favoreceram as lavouras, apesar de ter havido atraso no início da semeadura diante da irregularidade e dos volumes das chuvas para o período. Nas áreas de produção da região de Viseu houve redução de cultivo devido aos baixos preços praticados no mercado.

Mato Grosso: as condições climáticas continuam favorecendo a cultura, com chuvas abundantes e bem distribuídas, impulsionando o desempenho das lavouras remanescentes, que devem ser finalizadas em maio, uma vez que a colheita encontra-se próxima da finalização. Neste ciclo, houve forte retração de área plantada em âmbito estadual, principalmente relacionada com os preços praticados no mercado. Quanto ao arroz de sequeiro de segunda safra, a cultura tem apresentado bom desenvolvimento e já se encontra em fase de floração, mantendo boas condições fitossanitárias, com tratos culturais adequados, aliados às condições climáticas também favoráveis.

Mato Grosso do Sul: o cenário climático foi favorável ao longo do ciclo, e mesmo com alguns períodos mais chuvosos, a cultura não foi impactada de forma significativa, visto que aproximadamente 90% das lavouras já foram

colhidas, sem maiores perdas na produção final. Para a realização da colheita restam alguns talhões onde a cultura foi cultivada tardiamente.

Minas Gerais: as lavouras irrigadas do sul do estado já se encontram em fase final de colheita. Com o clima satisfatório na quase totalidade do ciclo e sem problemas com os manejos fitossanitários, e as lavouras atingiram produtividades satisfatórias. No norte e leste do estado, as áreas de arroz de sequeiro e de várzeas úmidas ainda estão em fase de colheita, que deve se estender até o final do próximo mês.

A expectativa é que as lavouras também alcancem produtividades satisfatórias. Essas lavouras se desenvolvem mais tardiamente devido ao plantio atrasado, ocasionado pela irregularidade das chuvas que, conseqüentemente, alteram a elevação dos níveis de água dos córregos e do lençol freático das baixadas. Em relação às áreas da região noroeste do estado, observou-se uma redução significativa do cultivo nesta safra.

Alagoas: a cultura apresentou desempenho satisfatório, com adequado desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, não sendo registrada incidência significativa de pragas ou doenças desde a semeadura até a maturação fisiológica. A colheita encontra-se em fase conclusiva, restando aproximadamente 2% da área a ser colhida.

Sergipe: na presente safra, a previsão é de queda significativa na área plantada da segunda safra em virtude da queda no preço recebido pelo produtor, assim como o aumento dos preços dos insumos. Para a primeira safra, com condições climáticas favoráveis para a cultura, a colheita foi finalizada no maior perímetro irrigado, em Betume, e a produtividade é considerada muito boa. Nos demais perímetros irrigados e municípios que cultivam o grão a safra já havia sido concluída.

Paraíba: no sertão, após bom volume e distribuição das chuvas em fevereiro, ocorreu um veranico na primeira quinzena de março, prejudicando as lavouras de sequeiro. Até o momento, 63% da intenção de plantio foi efetivada, com 30,4% em desenvolvimento vegetativo, 38,1% em floração, 16% em enchimento de grãos e 15,5% em maturação. As condições da lavoura estão entre boas a regulares.

Amazonas: ocorreram chuvas com volumes expressivos em algumas regiões, mas com distribuição irregular e sinais de transição para a estação seca, especialmente nas áreas mais ao sul do estado, onde encontra-se a produção de arroz mais expressiva. A estimativa é de redução da área e da produtividade média, ajustes conforme atratividade econômica da cultura e dos custos de produção.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,67				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,86			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C						
TO**	Ocidental do Tocantins	7,17			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	3,57			PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C	
SC**	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab reduz a estimativa da produção de arroz para a safra 2025/26, agora projetada em 11,1 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 13,1% em comparação com a safra anterior, 2024/25, estimada em 12,76 milhões de toneladas. A queda é atribuída à expectativa de diminuição de área plantada (-13,7%) da cultura no ciclo em curso.

Esse cenário é reflexo da forte retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado negativamente a rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Quanto ao mercado externo, na safra 2024/25 identificou-se um aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 1,9 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra 2025/26, com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem crescer ainda mais, podendo chegar a 2,1 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer próximas da estabilidade, com um volume identificado de 1,3 milhão de toneladas na safra 2024/25 e,

projetado, na safra 2025/26, no mesmo montante. O consumo interno está estimado em 10,5 milhões de toneladas na safra 2024/25, praticamente inalterado em relação à safra anterior, comportamento refletido na evolução dos parâmetros de comercialização do Rio Grande do Sul, principal estado produtor. Para a safra 2025/26, a expectativa de manutenção de preços atrativos ao consumidor no varejo e a intensificação de campanhas de promoção do consumo interno deverão resultar em leve expansão da demanda nacional, com consumo projetado em 10,8 milhões de toneladas.

Dessa forma, espera-se um aumento nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25 (fevereiro de 2026), alcançando 2,2 milhões de toneladas, devido ao excedente de oferta no período. Para 2025/26, a tendência é de queda nos estoques (fevereiro de 2027), com projeção de 1,7 milhão de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25	496,8	12.757,7	1.317,7	14.572,0	10.500,0	1.883,8	2.188,2
2025/26	abr/26	2.188,2	11.117,1	1.300,0	14.605,3	10.800,0	1.705,3
	mai/26	2.188,2	11.082,8	1.300,0	14.571,0	10.800,0	1.671,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/26

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.530,8 mil ha

-6,0%

PRODUTIVIDADE

1.146 kg/ha

+0,9%

PRODUÇÃO

2.901,4 mil t

-5,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz fazem da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se, neste contexto, os três grandes grupos acompanhados pela companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,7
2023/24	861,1	1.094	942,3
2024/25	908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Abr/26	803,0	953,5
	Mai/26	794,5	969,1

Fonte: Conab.

A colheita do feijão primeira safra está praticamente finalizada, restando apenas algumas áreas mais tardias no Nordeste, onde, tradicionalmente, a semeadura ocorre em um período posterior às demais regiões.

De maneira geral, o ciclo apresentou boas condições climáticas, especialmente no aspecto pluviométrico, mas o início das chuvas acabou ocorrendo de forma mais tardia, algo que influenciou no calendário usual de plantio e colheita e inviabilizou o cultivo dentro da janela ideal de semeadura. Isso também afetou o potencial produtivo da cultura.

As questões fitossanitárias ainda se mostram fator de preocupação em muitas das regiões produtoras, principalmente no que diz respeito ao controle de mosca-branca.

Quanto às estimativas de área plantada, houve a confirmação de redução no total destinado neste ciclo em comparação a 2024/25, principalmente por fatores mercadológicos devido a preços pagos pelo grão e à comparação com o custo de oportunidade de produzir outras culturas mais rentáveis, climáticos, especialmente os parâmetros pluviométricos e térmicos, e fitossanitários, como a mosca-branca, que tem sido uma praga com alta pressão e extrema

dificuldade de controle, limitando o cultivo em alguns casos, que acabam influenciando na tomada de decisão do produtor no momento do plantio.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a colheita foi concluída em abril.

Embora o excesso de chuvas durante parte da fase de maturação e colheita tenha reduzido a qualidade de alguns lotes de grãos, e a alta pressão por mosca-branca, principalmente na região noroeste do estado, tenha limitado o potencial produtivo da cultura, a safra foi considerada satisfatória, com um resultado ligeiramente superior ao alcançado em 2024/25, principalmente pelo bom desenvolvimento das lavouras e clima favorável à cultura na maior parte do ciclo, especialmente no estágio de desenvolvimento vegetativo.

Bahia: mesmo com a irregularidade climática no final de ciclo, as operações de colheita foram finalizadas no último mês.

De maneira geral, a safra apresentou ótima recuperação em comparação com o ciclo 2024/25, que teve perdas significativas por adversidades climáticas, como estiagens prolongadas, e por ataque intenso de mosca-branca.

O clima foi um componente considerado favorável à cultura na maior parte do ciclo, com chuvas mais regulares, especialmente nas lavouras localizadas no oeste baiano. A região central, em algum momento do ciclo, enfrentou períodos de estiagem que limitaram o desenvolvimento da cultura, mas que não comprometeu sobremaneira o potencial produtivo, justamente pela retomada das precipitações nas fases finais do ciclo.

Quanto ao aspecto fitossanitário, houve maior controle e menor pressão de pragas e doenças, especialmente da mosca-branca, auxiliando nesse resultado mais prolífico.

Goiás: a colheita foi concluída ainda em fevereiro, mesmo em meio às chuvas volumosas ocorridas no período, que prejudicou as operações de sega e maturação/secagem dos grãos, acarretando em perdas pontuais de qualidade em alguns lotes, por excesso de umidade. Já o potencial produtivo não foi afetado, visto que essa condição se deu em lavouras que já estavam com o desenvolvimento do grão definido.

Contudo, a produção final sofreu decréscimo em comparação com a temporada anterior, por conta da diminuição da área plantada, que ocorreu particularmente em áreas manejadas em sequeiro. O principal motivo dessa redução esteve associado a questões mercadológicas, visto que os preços pagos pelo feijão recentemente foram considerados baixos em relação ao seu custo de produção, tornando-se menos competitivo frente a outros cultivos de verão, como a soja. A maior probabilidade é que essa redução atual seja fruto de um redirecionamento, com boa parte desses produtores migrando o plantio do feijão para a terceira safra, entre abril e maio de 2026.

Paraná: a colheita foi finalizada em março. As chuvas foram um fator limitador para a conclusão das operações, registrando algumas perdas pontuais de qualidade dos grãos em face do excesso de umidade na maturação do produto.

De maneira geral, o ciclo apresentou boas condições edafoclimáticas, porém no aspecto fitossanitário se registrou alta pressão de mosca-branca e uma demanda ainda maior de esforços para o controle da principal praga do feijão na atualidade.

Vale pontuar que as lavouras, especialmente as mais tardias, demonstraram bons resultados, elevando a média de produtividade estimada para a cultura em comparação ao levantamento passado, porém ainda foi inferior ao resultado médio obtido no exercício anterior.

Em relação à área plantada, o ciclo registrou redução considerável em comparação a 2024/25, reflexo direto da queda nos preços na época da semeadura devido ao excesso de oferta. Esse recuo também foi influenciado pela melhor rentabilidade do milho, pelos elevados custos de produção do feijão e pela saída de produtores eventuais, que haviam ingressado na cultura, atraídos por picos de preços passados.

São Paulo: com um plantio mais antecipado que os demais estados produtores, a produção de feijão primeira safra está consolidada, com a conclusão da colheita ainda em janeiro.

A cultura apresentou um bom desenvolvimento geral, sem danos fitossanitários ou por adversidades climáticas, resultando em uma média de produtividade superior ao ano passado. A qualidade dos grãos também foi considerada positiva.

Santa Catarina: as lavouras mais tardias, concentradas principalmente no Planalto Sul, foram colhidas no último mês, concluindo a safra no estado.

Nessa região, a ocorrência de baixos índices pluviométricos durante janeiro e fevereiro resultou em perdas de produtividade, fazendo cair a média estadual, justamente pela diminuição de potencial produtivo nessas lavouras mais tardias.

A qualidade geral dos grãos tem sido considerada boa, sem registros de danos significativos por fungos. No aspecto fitossanitário, observam-se

ocorrências pontuais de antracnose, mancha-angular e mosca-branca, sem impacto relevante.

Rio Grande do Sul: a colheita avançou rapidamente e foi concluída ainda em abril.

Além da retração na área plantada, o ciclo apresentou decréscimo na produtividade média em comparação à temporada anterior, por conta das irregularidades pluviométricas no Planalto Superior, região que concentra tal cultivo. Houve restrição hídrica em fases críticas do ciclo fenológico da cultura, isso provocou limitação do porte das plantas, queda de flores, vagens menores, queda de vagens e diminuição na expectativa do peso dos grãos. A falta de chuvas regulares ainda provocou o encurtamento do ciclo, antecipando a conclusão da colheita.

Distrito Federal: colheita concluída ainda em fevereiro. Alguns lotes tiveram queda de qualidade pelo excesso de umidade na maturação, contudo a maioria dos grãos obtidos foram de ótimo padrão e com uma produtividade média bastante satisfatória, especialmente pelo alto nível tecnológico empregado na região produtora, até mesmo com uso de irrigação suplementar.

Mato Grosso: a colheita foi concluída no último mês e confirmou as boas expectativas de produção, graças, principalmente, ao clima favorável à cultura durante a maior parte do ciclo. A qualidade dos grãos também se mostrou bastante satisfatória.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: a colheita foi finalizada em março. As chuvas foram um fator limitador para a conclusão das operações, registrando algumas perdas pontuais de

qualidade dos grãos em face do excesso de umidade na maturação do produto.

De maneira geral, o ciclo apresentou boas condições edafoclimáticas, porém no aspecto fitossanitário se registrou alta pressão de mosca-branca e uma demanda ainda maior de esforços para o controle da principal praga do feijão na atualidade.

Vale pontuar que as lavouras, especialmente as mais tardias, demonstraram bons resultados, elevando a média de produtividade estimada para a cultura em comparação ao levantamento passado, porém ainda foi inferior ao resultado médio obtido no exercício anterior.

Quanto à destinação de área, o presente ciclo registrou redução considerável em comparação ao exercício anterior, reflexo da queda nos preços na época da semeadura devido ao excesso de oferta.

Santa Catarina: as lavouras mais tardias, concentradas principalmente no Planalto Sul, foram colhidas no último mês, concluindo a safra no estado.

Nessa região, a ocorrência de baixos índices pluviométricos durante janeiro e fevereiro resultou em perdas de produtividade, fazendo cair a média estadual, justamente pela diminuição de potencial produtivo nessas lavouras mais tardias.

A qualidade geral dos grãos tem sido considerada boa, sem registros de danos significativos por fungos. No aspecto fitossanitário, observam-se ocorrências pontuais de antracnose, mancha-angular e mosca-branca, sem impacto relevante.

Rio Grande do Sul: as lavouras remanescentes no Planalto Superior foram colhidas e assim permitiu a finalização da safra no estado.

As lavouras mais tardias, concentradas no Planalto Superior, acabaram apresentando perdas de potencial produtivo em razão da irregularidade das chuvas ao longo do verão. Assim, na média, o ciclo acabou sendo menos prolífico do que 2024/25, também por diminuição na área plantada.

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado. O ciclo foi considerado promissor, com bom desenvolvimento das lavouras e clima favorável à cultura na maior parte do tempo.

Os principais problemas ficaram por conta do excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita, que acabaram por reduzir a qualidade de alguns lotes de grãos, com maior presença de grãos manchados, ardidados ou germinados.

Soma-se a isso, a grande pressão por mosca-branca, principalmente na região noroeste do estado, que tem sido recorrente nos últimos anos e que tem limitado o potencial produtivo da cultura.

Ainda assim, não houve perda significativa sobre o potencial produtivo, garantindo uma boa produtividade média no ciclo.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a colheita avançou no último mês, mas ainda se encontra próxima de

dois terços da área total.

As chuvas retornaram no último mês e estiveram com uma distribuição mais homogênea, inclusive na região sudeste do estado, que vinha sofrendo com deficit hídrico, pela escassez de precipitações. Nesse sentido, embora haja perdas pontuais pelo estresse hídrico, a estimativa de produtividade média estadual é boa, devendo ser bem superior à safra 2024/25, especialmente pelas melhores condições climáticas no atual ciclo.

Bahia: a safra foi concluída no último mês.

As lavouras mais tardias apresentaram bons resultados, principalmente por conta da retomada das chuvas na região central, o que propiciou uma recuperação do estresse hídrico sofrido em estádios anteriores.

Essa melhora no rendimento das lavouras mais tardias ajudou na média produtiva da cultura, suplantando a produtividade de 2024/25 e contornando a redução na área plantada visualizada no atual ciclo, devido à diminuição, principalmente em áreas da região centro-sul, por conta das oscilações climáticas, baixo retorno financeiro e grande concorrência com cultivos forrageiros, como gramíneas ou palma.

Maranhão: a ampla janela de plantio da cultura no estado faz com que as lavouras ainda estejam em diferentes estádios fenológicos.

Atualmente, mais da metade da área total já foi colhida, e o restante das lavouras seguem em estádios reprodutivos.

De maneira geral, o predomínio do cultivo familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, em roça no toco, em sistemas consorciados com as culturas de arroz, milho e mandioca, costumam redundar em rendimentos mais

baixos, visto que neste ciclo, as oscilações climáticas podem reduzir ainda mais o potencial produtivo da cultura. A exceção fica por conta das áreas mais ao sul do estado, que receberam maiores volumes de chuvas e devem amenizar as perdas.

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado. O ciclo foi considerado promissor, com bom desenvolvimento das lavouras e clima favorável à cultura na maior parte do tempo.

O principal entrave ficou por conta do excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita, que acabaram por reduzir a qualidade de alguns lotes de grãos, com maior presença de grãos manchados, ardidos ou germinados. Ainda assim, não houve perda sobre o potencial produtivo, garantindo uma boa produtividade média no ciclo.

Tocantins: a colheita, que já havia sido concluída nas áreas irrigadas, também foi finalizada nas lavouras de sequeiro.

As condições gerais da cultura foram boas, tanto nas áreas de várzea (irrigadas) quanto nas lavouras de sequeiro, que estiveram beneficiadas na maior parte do ciclo por um regime de chuvas excelente no estado.

Mato Grosso: colheita finalizada. As lavouras apresentaram vigor vegetativo e reprodutivo consistente, e apontam para uma boa produtividade média superior à temporada passada. A qualidade dos grãos também foi elevada, mesmo com alguns episódios de precipitações durante a maturação e colheita.











Pernambuco: a colheita foi finalizada em janeiro, confirmando a redução na produtividade média esperada, em virtude da irregularidade das chuvas durante o ciclo, com períodos de estiagem, que acabaram afetando o

potencial produtivo da leguminosa.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica												
■	Favorável	■	Baixa Restrição - Falta de Chuva	■	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	■	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	■	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	■	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
		■	Média Restrição - Falta de Chuva	■	Média Restrição - Excesso de Chuva							
		■	Alta Restrição - Falta de Chuva	■	Alta Restrição - Excesso de Chuva							
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PI	Norte Piauiense	0,77						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	E/G/M/C	M/C
	Centro-Norte Piauiense	0,96						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	E/G/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	2,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Piauiense	2,28						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C
PE	Agreste Pernambucano	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C				
BA	Extremo Oeste Baiano **	11,68			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Norte Baiano	0,71				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Sul Baiano	2,58				S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	0,69			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
GO	Leste Goiano	5,75			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul Goiano	4,31			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Goiano	2,30			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
DF	Distrito Federal	2,44			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Noroeste de Minas	5,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	1,08				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,89			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	3,08			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,56			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,39			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	1,37		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudoeste Paranaense	1,41		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	4,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	8,59		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	2,23		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
SC	Oeste Catarinense	1,99		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C		
	Norte Catarinense	1,43		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Serrana	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	1,06		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense	2,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Continuação

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	1.528,2	990	1.512,2
2024/25	1.400,1	953	1.333,6
2025/26	Abr/26	1.353,1	1.246,0
	Mai/26	1.309,4	1.229,7

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: abril apresentou períodos distintos em relação ao clima, com uma primeira parte mais estável, de poucas chuvas e temperaturas máximas mais elevadas, mas com um final de mês pluvioso em várias regiões do estado.

Nesse cenário, houve a conclusão da semeadura, confirmando a diminuição de área em comparação ao ano passado, porém com um número ajustado e superior àquele indicado no levantamento anterior, naquelas áreas mais tardias, cujas chuvas recentes auxiliaram no desenvolvimento vegetativo dessas

lavouras. Já naquelas áreas onde o ciclo estava mais adiantado, essas chuvas acabaram por atrapalhar a maturação e secagem dos grãos, interferindo, até mesmo no início da colheita, que também se deu nesse final de mês.

No geral, há otimismo com relação ao desempenho da cultura no ciclo. A maioria das lavouras apresenta boas condições, mesmo com alguns períodos mais críticos em relação à disponibilidade hídrica, os níveis pluviométricos e a luminosidade incidida sobre a cultura em certas etapas do desenvolvimento fenológico. Ainda assim, há previsão de aumento na produtividade média em relação a 2024/25, que foi um ano de maiores intempéries climáticas e problemas fitossanitários.

Minas Gerais: mesmo com atraso nas operações, a semeadura avançou e foi concluída no final de abril.

O prolongamento na colheita de algumas graníferas de primeira safra, como milho e soja, acabaram por estrangular a janela ideal de semeadura das culturas de segunda safra. Porém, o feijão, como uma cultura de ciclo mais curto, acabou sendo uma boa alternativa nessa janela de plantio mais apertada. Além disso, houve uma alta recente nos preços do grão e isso acabou por estimular ainda mais os produtores a optarem pelo cultivo do feijão nesse período.

As lavouras se desenvolvem satisfatoriamente até o momento. A exceção pontual fica por conta de uma pequena parcela de área com lavouras mais precoces, que sofreram com excesso de chuvas em um estágio importante do ciclo e acabou por perder parte do potencial produtivo. No entanto, na média, a estimativa é de um rendimento superior ao visualizado na temporada passada.

Mato Grosso: as chuvas regulares e bem distribuídas, aliadas às temperaturas favoráveis, foram bastante positivas para o desenvolvimento da cultura, até o momento.

As lavouras apresentam bom desenvolvimento, com a maioria delas em plena floração e sem ocorrências anormais de pragas e doenças.

Bahia: o plantio foi iniciado e concluído no último mês. As lavouras estão agora em pleno desenvolvimento vegetativo, apresentando ótimas condições gerais, favorecidas pelo manejo integralmente irrigado que elas são submetidas.

Mato Grosso do Sul: a semeadura apresenta atraso, mas evoluiu no último mês e se aproxima da conclusão. A estimativa de aumento de área plantada em comparação a 2024/25 se mantém, porém em índice menor do que o estipulado no levantamento passado, com ajuste dos números a partir do avanço e iminente finalização do plantio.

De maneira geral, as lavouras tiveram excelente desenvolvimento inicial, com ataque de pragas dentro da normalidade, destacando a mosca-branca e o complexo de lagartas - demandando monitoramento e controle. Os primeiros talhões implantados já iniciaram o florescimento e começam a receber pulverização de fungicida, tornando-se fundamental para que as temperaturas médias diárias reduzam para diminuir o abortamento das estruturas reprodutivas.

Paraíba: o plantio é bastante escalonado e tem uma janela grande para a realização. As operações ainda estão em andamento, visto que as lavouras já implantadas apresentam boas condições gerais, com registros pontuais de ataque de pragas como pulgão e lagartas, que estão causando algumas perdas.

Pernambuco: o cultivo, que se concentra na mesorregião do Sertão pernambucano, tem evoluído bem, favorecido pelo regime pluviométrico positivo na região, até o momento.

As lavouras têm apresentado bom desenvolvimento e se encontram entre as fases vegetativas e início do estágio reprodutivo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o plantio foi concluído e se confirmou a estimativa de redução na área semeada em comparação a 2024/25, inclusive com uma variação ainda maior do que a apontada no levantamento passado. Como justificativa para esse decréscimo, houve grande cautela por parte dos produtores diante da volatilidade de preços (a baixa rentabilidade recente levou produtores a migrarem ao cultivo de soja e milho) e dos riscos climáticos inerentes ao plantio da cultura nesse período, visto que já se havia perdido a janela ideal de semeadura por conta de atrasos na colheita das culturas de primeira safra, que antecedem esse cultivo.

Quanto à condição geral da cultura, há otimismo com relação ao seu desempenho dentro do ciclo. A maioria das lavouras apresenta boas condições, mesmo com alguns períodos mais críticos em relação à disponibilidade hídrica, os níveis pluviométricos e a luminosidade incidida sobre a cultura em certas etapas do desenvolvimento fenológico. Ainda assim, há previsão de aumento na produtividade média em relação a 2024/25, que foi um ano de maiores intempéries climáticas e problemas fitossanitários.

Santa Catarina: as lavouras vêm apresentando desenvolvimento

heterogêneo, com áreas mais precoces, ainda em estádios vegetativos e outras em plena fase reprodutiva, entre floração e formação de grãos, refletindo o plantio bastante escalonado entre as diferentes regiões produtoras do estado. Vale pontuar que o ciclo apresentou atraso no plantio em decorrência do prolongamento da colheita das culturas antecessoras.

Contudo, no geral, as condições da cultura são boas, com clima favorável na maior parte do ciclo e nas diferentes regiões de produção, embora alguns episódios pontuais de déficit hídrico no oeste tenham favorecido alguns danos fisiológicos e fitossanitários em algumas lavouras.

Rio Grande do Sul: a redução na área plantada em relação à temporada anterior deve reverberar de maneira importante sobre o resultado esperado da cultura. Os baixos preços de mercado e as dificuldades para realização da semeadura em meio a períodos com irregularidade de chuvas e fora da janela ideal de plantio fizeram com que alguns produtores desistissem do cultivo do feijão.

Quanto às condições de campo, as lavouras de sequeiro apresentam perdas por estresse hídrico em razão da irregularidade das chuvas em fases importantes do ciclo. Algumas dessas áreas já iniciaram a colheita, e o resultado mostra bastante variabilidade quantitativa e qualitativa dos grãos, inclusive com alguns registros de chuvas na pré-colheita, que acabou por viabilizar grãos deteriorados e com padrão inferior ao ideal.

Contudo, nas áreas irrigadas, a condição das lavouras é muito boa. O desenvolvimento da cultura foi bastante adequado, sem estresse hídrico ou térmico e, com a aproximação do final do ciclo, se espera grãos com ótimo rendimento e qualidade, devendo, na média, amenizar as perdas nas lavouras de sequeiro a permitir uma produtividade geral positiva, até acima do valor obtido em 2024/25.

Minas Gerais: mesmo com atraso nas operações, a semeadura avançou e foi concluída no final de abril.

As lavouras se desenvolvem satisfatoriamente até o momento, gerando uma expectativa de incremento na produtividade média, em comparação com a safra passada.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: o início da estação chuvosa foi irregular e trouxe preocupação quanto ao plantio e ao desenvolvimento da cultura no ciclo. Pelo temor da escassez de precipitações, muitos produtores deixaram de semear o feijão, o que redundou em diminuição da área total cultivada em comparação com o passado.

Agora, com o plantio já concluído e as lavouras em grande evolução, inclusive com o início da colheita naquelas áreas mais precoces, constatou-se que o regime pluviométrico nesse primeiro quadrimestre acabou sendo positivo, com acumulado de chuvas satisfatório, especialmente entre fevereiro e março.

Dessa forma, há perspectiva de expressivo aumento na produtividade média, amenizando as perdas relacionadas à diminuição de área e devendo levar a um resultado final bem superior ao obtido na safra 2024/25.

Bahia: as precipitações foram regulares e bem distribuídas entre as regiões produtoras do estado. Assim, as lavouras se beneficiaram dessa condição e apresentam bom desenvolvimento. Não há registros de perdas fitossanitárias

significativas.

Mato Grosso: as condições meteorológicas seguem favoráveis, com regime de chuvas adequado e garantidor de aporte hídrico necessário para a fase reprodutiva da cultura. O balanço climático positivo tem contribuído para o bom andamento do ciclo fenológico das lavouras.

No geral, a cultura apresenta bom vigor vegetativo e reprodutivo. As projeções de produtividade seguem otimistas, sustentadas pelo desenvolvimento uniforme das plantas e pelas condições climáticas favoráveis registradas ao longo do ciclo. Além disso, o ciclo teve expressivo aumento na área plantada em relação a 2024/25, tanto por uma questão mercadológica, com preços recentes mais atrativos, como também por uma opção de manejo, visto que o atraso do calendário de plantio e colheita das culturas de primeira safra acabaram estrangulando a janela ideal de plantio das cultura de segundo ciclo, tornando o feijão uma alternativa interessante, por ter um ciclo produtivo mais curto se comparado à outras culturas usuais desse período, como milho e sorgo.

Tocantins: o plantio nas áreas em sequeiro foi concluído, porém ainda não foi iniciado nas áreas irrigadas, devendo começar a partir de maio.

Embora ainda não se tenha cultivo nas áreas irrigadas, a previsão de aumento na área total em comparação com 2024/25 segue, por conta do incremento sobre as lavouras de sequeiro. A elevação recente nos preços estimulou os produtores e ainda houve um estrangulamento da janela ideal de semeadura de outras opções de cultivo na segunda safra, como o milho, favorecendo assim para culturas de menor ciclo, como o feijão.

Quanto às condições gerais das lavouras já implantadas, as chuvas têm sido volumosas e regulares, algo que favorece o desenvolvimento da cultura.

Maranhão: cerca de três quartos da área prevista havia sido semeada até o fim de abril. A estimativa inicial de redução na área plantada em comparação com 2024/25 ainda se mantém, principalmente por conta da redução na distribuição de sementes para o plantio em áreas ligadas à agricultura familiar, porém a variação deverá ser menor do que a anteriormente estimada.

No geral, as lavouras vêm apresentando bom desenvolvimento, embora haja importante heterogeneidade na condição da cultura entre as diferentes regiões produtoras, algo que, na média, deve ser diluído e levar a uma produtividade satisfatória à nível estadual.

Piauí: o plantio evoluiu rapidamente e já foi concluído no estado. As chuvas, embora esparsas, continuaram a ocorrer em diversas regiões do estado, algo que beneficiou o estabelecimento das lavouras e o desenvolvimento geral destas.

Houve aumento de área plantada em comparação ao ano passado, com substituição especialmente em áreas de milho segunda safra.

Paraíba: com o início da estação chuvosa houve bom avanço da semeadura em algumas regiões do Sertão Paraibano, onde se concentra tal cultivo no estado.

Pouco mais de 70% da área prevista está semeada, e o desenvolvimento inicial da cultura é bom, com exceção de alta pressão de pragas como pulgão e lagarta em algumas localidades.

Vale pontuar que boa parte desse cultivo é realizado em consórcio com outras graníferas, especialmente o milho.



Foto 4 - Feijão caupi 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Pernambuco: o cultivo, que se concentra na mesorregião do Sertão Pernambucano, tem evoluído bem, favorecido pelo regime pluviométrico positivo na região, até o momento.

As lavouras têm apresentado bom desenvolvimento e se encontram entre as fases vegetativas e início do estágio reprodutivo.











QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	4,59			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	0,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
MA	Sul Maranhense	0,78			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Noroeste Cearense	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Cearense	1,33		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
CE	Sertões Cearenses	1,50		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,53		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	0,85		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Oeste Potiguar	0,49		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,52			S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
PE	Sertão Pernambucano	1,28		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Mato-grossense	7,12		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Nordeste Mato-grossense	0,54		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	0,83		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,60			S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
GO	Leste Goiano	0,90			S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,73			S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	
	Norte de Minas	0,88		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,38		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,31		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	2,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Campo das Vertentes	3,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	0,86		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Paranaense	1,00	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PR	Norte Central Paranaense	0,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Paranaense	16,97	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	15,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Paranaense	5,98	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	0,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,78	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	1,59	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Continua

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2017/18	581,0	1.253	728,0	
2018/19	588,8	1.481	872,1	
2019/20	567,8	1.373	779,6	
2020/21	530,6	1.333	707,2	
2021/22	516,0	1.574	813,0	
2022/23	470,2	1.680	789,9	
2023/24	384,4	1.728	664,4	
2024/25	Abr/26	426,9	1.646	702,6
	Mai/26	426,9	1.646	702,6

Fonte: Conab.

O plantio foi recém-iniciado em algumas das regiões produtoras no país, especialmente naqueles lugares onde o regime pluviométrico tem sido satisfatório. A evolução ainda é incipiente, mas a perspectiva prévia é de um ciclo promissor, podendo ter incremento de área semeada em comparação a 2024/25 em muitos dos estados produtores.

FEIJÃO-COMUM CORES

Mato Grosso: o plantio ainda não foi iniciado.

Minas Gerais: a semeadura teve início no último mês, porém sua evolução ocorre de maneira mais lenta, feito de forma intencional, como uma espécie de manejo cultura para o controle de mosca-branca, já que a colheita da soja de primeira safra foi finalizada recentemente em algumas regiões, e pode haver migração direta do inseto para as novas lavouras de feijão, perpetuando a praga nas áreas produtivas.

As lavouras implantadas se desenvolvem bem, com muitas delas sendo manejadas sob pivô central. Há também boa condição de mercado para a cultura, com cotações atuais atrativas, podendo estimular um incremento na área plantada em relação à temporada anterior.

Pernambuco: o plantio está recém-iniciado no estado. O cultivo, que se concentra na mesorregião do Agreste Pernambucano, tem apresentado desenvolvimento incipiente, com maior ênfase no preparo dos solos para evolução mais intensa da semeadura nas próximas semanas.

Há uma estimativa prévia de ligeira redução na área plantada em comparação a 2024/25, por substituição de algumas áreas para o cultivo de mandioca.

Goiás: a semeadura começou e avançou bastante no último mês. Mais da metade da área prevista havia sido plantada até o final de abril. Houve antecipação das operações em virtude do clima favorável, com temperaturas mais amenas e disponibilidade hídrica nos solos, em um cultivo que é exclusivamente irrigado.

De maneira geral, a região leste e o Vale do Araguaia já estão semeando desde o início de abril, mas ainda há áreas para serem cultivadas na primeira quinzena de maio. Na região sul, os primeiros plantios surgiram a partir da segunda quinzena de abril. A maior parte dos pivôs da região leste, principalmente Cristalina, devem ser encerrados em maio. Em Cristalina, o plantio ainda está em andamento, e projeta-se um aumento de aproximadamente 20% na área cultivada. Em Municípios como Itaberaí e Paraúna, embora o plantio seja em áreas irrigadas, essa semeadura só ocorre após a colheita

do milho segunda safra, observando ainda a regra do vazio sanitário. Já em Jussara e região, esse plantio ocorre após a colheita da soja, porém é aguardada uma janela ideal, de 15 de abril a 15 de maio, para essa semeadura, visando as temperaturas durante os processos fisiológicos da cultura.

Bahia: o cultivo se concentra na região nordeste do estado, e ali, apenas algumas áreas começaram a semeadura, aproveitando-se das chuvas recentes, que se mostram uniformes e bem distribuídas.

Paraná: o plantio ainda não foi iniciado.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: a regularização da distribuição pluviométrica no Agreste tem permitido condições adequadas de umidade nos solos para o estabelecimento das lavouras nesse ciclo.

As áreas já semeadas até o momento apresentam plantas em desenvolvimento inicial, com boas condições gerais.











FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: o plantio está recém-iniciado no estado. O cultivo, que se concentra na mesorregião do Agreste Pernambucano, tem apresentado desenvolvimento incipiente, com maior ênfase no preparo dos solos para evolução mais intensa da semeadura nas próximas semanas.

Há uma estimativa prévia de ligeira redução na área plantada em comparação a 2024/25, por substituição de algumas áreas para o cultivo de mandioca.

Bahia: as chuvas recentes no nordeste do estado têm favorecido o preparo dos solos e o início do plantio da cultura.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2025/26					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	3,92	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	2,47	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	15,66			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Noroeste Goiano	4,76	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	1,55	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
GO**	Centro Goiano	1,60	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	8,87	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	9,57	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	3,84	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Noroeste de Minas	18,57	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
MG**	Norte de Minas	1,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,15	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Ribeirão Preto	1,37			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
SP**	Bauru	5,73			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Itapetininga	7,43			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

A Conab estima a produção de feijão para a safra 2025/26 em 2,9 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 5,2% em comparação com a safra anterior, 2024/25, estimada em 3,1 milhões de toneladas. A retração decorre da expectativa de diminuição da área plantada (-6,0%), apesar da expectativa de leve elevação na produtividade (+0,9%) da cultura no próximo ciclo.

Esse cenário reflete, principalmente, os preços menos remuneradores pagos ao produtor no momento da definição de plantio, sobretudo quando comparados aos de outras culturas concorrentes por área. Além disso, a incidência de mosca-branca em algumas lavouras tem contribuído para ampliar o desestímulo ao cultivo em importantes polos produtores. Dessa forma, observa-se uma tendência de redução da área cultivada com feijão no país.

No mercado externo, na safra 2024/25, verificou-se aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 533,2 mil toneladas. Esse crescimento foi impulsionado pelos preços internos mais baixos e pela maior disponibilidade de produto no mercado nacional. Para a safra 2025/26, diante da expectativa de menor oferta interna, projeta-se redução das exportações, estimadas em 214,3 mil toneladas.

Quanto ao consumo interno, este está estimado em 2,7 milhões de toneladas, tanto na safra 2024/25 quanto na safra 2025/26. Observa-se, contudo, uma leve tendência de redução no consumo ao longo dos últimos anos, refletindo, principalmente, mudanças nos hábitos alimentares de parte da população brasileira.

Diante desse contexto, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade. Ao final da safra 2024/25, dezembro de 2025, os estoques foram estimados em 135,9 mil toneladas, enquanto para o encerramento da safra 2025/26, dezembro de 2026, são projetados em 144,6 mil toneladas.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7

2020/21		268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22		121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23		202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24		318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.900,0	343,6	296,0
2024/25		296,0	3.059,9	13,2	3.369,1	2.700,0	533,2	135,9
2025/26	abr/26	135,9	2.902,2	21,6	3.059,7	2.700,0	214,3	145,4
	mai/26	135,9	2.901,4	21,6	3.058,9	2.700,0	214,3	144,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

22.555,9 mil ha

+ 3,3%

PRODUTIVIDADE

6.214 kg/ha

- 3,9%

PRODUÇÃO

140.171,3 mil t

- 0,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25	3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Abr/26	4.103,1	27.968,4
	Mai/26	4.088,3	28.461,4

Fonte: Conab.

No início de maio, a colheita da primeira safra de milho 2025/26 alcançou 71,5% da área semeada. Ela já foi finalizada em São Paulo e praticamente na região sul. Em Minas Geraí e Goiás ela avança com a redução das precipitações e se prolongará até o final de julho, na região Norte e Nordeste.

Na maioria dos estados, as produtividades obtidas superaram às estimadas inicialmente e as obtidas na última safra. Esse bom desempenho é atribuído ao elevado grau de investimento feito pelos agricultores e às boas condições climáticas ocorridas.

A safra 2025/26 de milho está estimada em 28,5 milhões de toneladas, aumento de 14,1%, obtidas com o cultivo de 4,1 milhões de hectares, 8,4% superior à última safra, mostrando uma forte tendência de aumento do interesse do cultivo do cereal na primeira safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Minas Gerais: a colheita do milho já atinge 48% da área cultivada, um percentual muito inferior à safra passada, quando já se aproximava de 90%. Além do plantio mais atrasado, o clima chuvoso também postergou a colheita destas lavouras, uma vez que a umidade dos grãos se encontrava elevada e carecia de secagem forçada para a comercialização e armazenagem.

Com a proximidade da conclusão da colheita da soja e o tempo mais seco, a colheita deverá acelerar no estado. Neste levantamento foi registrado um aumento de 13,5% na produtividade média do estado, e uma expectativa de produção de 4.741,7 mil toneladas. Isso representa um aumento de 23,2% na produção em relação à safra passada e reflexo das boas condições climáticas e do bom pacote tecnológico usado pelos produtores.

Rio Grande do Sul: a colheita aproxima-se da finalização, atingindo 94% da área total semeada. Do restante presente em campo, 3% encontra-se em fase de maturação e 3% em enchimento de grãos. No Noroeste e no Planalto Médio, a colheita está praticamente encerrada, apresentando bom desempenho na maioria das microrregiões devido ao melhor regime hídrico

nas fases iniciais e ao elevado nível tecnológico empregado.

O cenário estadual revela disparidades regionais acentuadas. Enquanto áreas de alto investimento no Planalto Médio, Alto Uruguai e Noroeste superaram a marca de 9.000 kg/ha, municípios afetados por estiagens na floração e enchimento de grãos registraram rendimentos abaixo de 6.000 kg/ha. Na região Central, onde a colheita supera 90%, o estresse hídrico ao longo do ciclo reduziu o número de grãos por espiga e o peso de mil grãos. Contudo, lavouras de semeadura tardia apresentam resultados superiores às precoces, beneficiadas pelas chuvas de março e abril. Na Campanha, o déficit hídrico durante o pendoamento e floração também comprometeu o potencial produtivo inicial.

Já na região sul, as precipitações recentes, embora dificultem o ritmo da colheita, foram fundamentais para a recuperação das áreas que ainda se encontravam no estágio de enchimento de grãos. Não houve fato novo que justificasse a alteração da estimativa de área cultivada, que permanece em 817,1 mil hectares. Entretanto, com o avanço da colheita e a confirmação de resultados superiores no norte do estado, foi promovido um ajuste positivo na produtividade média final para 7.256 kg/ha.



Foto 5 - Milho 1ª safra - Enchimento de grãos - Victor Graeff-RS

Fonte: Conab.

Santa Catarina: a cultura do milho apresentou cenário positivo na maior parte do estado, com colheita praticamente finalizada em todas as regiões. Nos Planaltos Norte e Sul, 94% da área já foi colhida, enquanto no Oeste e Extremo Oeste a colheita foi encerrada. As produtividades foram consideradas de boas a excelentes, variando entre 10.000 kg/ha e mais de 13.000 kg/ha, nas regiões com melhor regime hídrico e maior nível tecnológico. No entanto, houve leve redução em relação à safra anterior, principalmente no Planalto Sul, onde a estiagem no período de floração impactou o rendimento.

No Oeste e Extremo Oeste, mesmo com irregularidades climáticas, excesso de chuva no plantio e estiagens pontuais, os resultados foram satisfatórios. A média estadual está estimada em 10.250 kg/ha, e a qualidade dos grãos é considerada boa. Para o milho segunda safra, utilizado em sua quase totalidade para produção de silagem, as lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo a reprodutivo, com bom desenvolvimento.

Paraná: o perfil fenológico atualizado aponta que a safra atingiu 99% da área colhida no final de abril, um avanço significativo frente aos 85,9% validados no levantamento de meados do mês. Esta evolução rápida demonstra a eficiência operacional dos produtores paranaenses. A produtividade ficou estimada em 11.140 kg/ha, 2,3% superior à última safra e fruto das boas condições climáticas ocorridas durante a maior parte do ciclo, em uma área de 347,3 mil hectares, números que agora servem de base para a consolidação final de uma safra que superou as expectativas iniciais de rendimento em diversas regionais.

São Paulo: o cereal teve sua colheita finalizada em meados de abril, e as produtividades superaram as estimadas inicialmente.

Mato Grosso do Sul: a colheita foi iniciada na região oeste, com resultados

preliminares ligeiramente abaixo do inicialmente estimado devido à ocorrência de forte calor e baixa umidade no solo em momento crítico da cultura. Na região norte, o cenário é considerado satisfatório, principalmente nas áreas que receberam melhores condições hídricas durante o florescimento em fevereiro.

Em áreas pontuais, onde houve maior restrição hídrica durante o enchimento de grãos, observa-se leve redução no peso final, porém sem comprometer de forma significativa o desempenho geral da cultura. No aspecto fitossanitário, a parcela cultivada mais tardiamente passou por intenso ataque de lagarta *Spodoptera frugiperda*, inclusive com danos nas espigas, exigindo manejo localizado, enquanto a cigarrinha-do-milho seguiu sendo monitorada.

Mato Grosso: a colheita foi finalizada, com produtividades semelhantes às obtidas no último ciclo.

Goiás: desde outubro, o regime hídrico favorável beneficiou as lavouras em todas as suas fases, desde a fase vegetativa, passando pela floração e enchimento de grãos. Atualmente as lavouras de milho verão estão em fase de colheita, com 37% delas já trilhadas. As lavouras remanescentes estão em fase de pré-colheita, aguardando apenas obtenção de umidade ideal.

Distrito Federal: a cultura atingiu a fase final de maturação, e cerca de 50% das lavouras já foram colhidas, apresentando bom rendimento e excelente



Foto 6 - Milho 1ª safra - Pré-colheita - Joviânia-GO

Fonte: Conab.

qualidade de grãos.

Bahia: as lavouras apresentam bom desenvolvimento, beneficiadas pela regularidade das chuvas. Observou-se aumento da incidência de cigarrinhas e de lagartas, sem impacto direto na produtividade até o momento, porém com elevação dos custos de produção devido ao maior número de aplicações fitossanitárias. As áreas encontram-se em fases de enchimento de grãos, maturação e colheita. As condições climáticas recentes reforçam a expectativa de produtividade elevada.

Maranhão: no estado existem cultivos de milho com sistemas muito diversificados, realizados por pequenos, médios e grandes produtores, com baixo, médio e alto nível tecnológico, em cultivos solteiros ou consorciados. O plantio da primeira safra foi realizado entre novembro de 2025 e fevereiro de 2026. Em abril, no sul do estado, foi iniciada a colheita que ocorrerá até agosto. As demais lavouras encontram-se em floração, enchimento de grãos e maturação, e todas têm sido favorecidas pela regularidade das precipitações. A área estimada de plantio foi de 314,3 mil hectares, com elevação de 5,4% em relação ao ano anterior devido ao aumento de área nas regiões sul, oeste

e leste do estado, em razão de preços firmes do produto no mercado. Na região sul, a expansão de área foi impulsionada pela implantação de uma unidade de biorrefinaria de grãos, em Balsas, que gerou uma alta demanda, de cerca de 2.000 mil toneladas/safra de milho e sorgo para produção de etanol e subprodutos.

Piauí: o cultivo do milho de verão no estado se apresenta tanto na agricultura familiar quanto empresarial. Em virtude da climatologia favorável, do manejo adequado e tecnologia empregada na região onde se concentra as áreas da agricultura empresarial (sudoeste), a produtividade tem se mantido elevada. Nesta safra as condições climáticas foram favoráveis para a cultura, favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras, embora tenha atrasos no início da semeadura por conta da irregularidade das chuvas em parte do Cerrado Piauiense. A colheita já foi iniciada e alcançou 12% da área no início de maio.

Rondônia: a colheita já foi finalizada, e as produtividades obtidas superaram as estimativas iniciais.

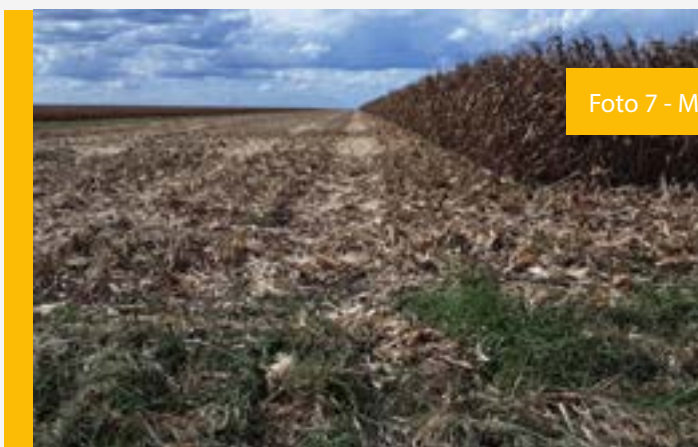





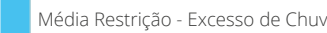


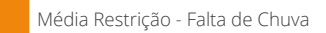
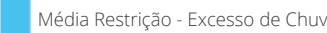






Foto 7 - Milho 1ª safra - Colheita - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Pará: as lavouras colhidas tiveram boas condições de campo para o desenvolvimento, mantendo uma produtividade regular para a cultura. Não houve relato de grãos ardidos com excesso de chuvas e nem queda de produtividade. Restam poucas para serem colhidas.

Tocantins: a redução das precipitações permitiu um avanço na área colhida, que alcançou 30% da área estimada, estando o restante em maturação.











QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
TO	Ocidental do Tocantins	0,80					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,58					S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense	1,84						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,46						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	4,29						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	5,30				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MT	Norte Mato-grossense	0,80			PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
GO	Centro Goiano	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Leste Goiano	2,35			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Sul Goiano	2,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
DF	Distrito Federal	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
MG	Noroeste de Minas	2,34			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Norte de Minas	0,73			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,66			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	4,23			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,35			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
SP	Zona da Mata	0,62			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	São José do Rio Preto	0,52			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,51			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru	0,97			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Campinas	1,34			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga	1,96			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,69			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Centro Oriental Paranaense	2,64		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	2,98		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,93		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	1,32		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	4,36		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,27		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,59		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24	16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25	17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26	Abr/26	17.792,3	109.118,3
	Mai/26	17.790,8	108.455,4

Fonte: Conab.

O plantio foi finalizado no final de abril, com os últimos cultivos sendo realizados no Pará. A maioria das lavouras tiveram boas condições de desenvolvimento até o início de abril. Após esse período, a redução nas precipitações afetou o potencial produtivo em áreas de Mato Grosso e Paraná, e principalmente, em todo o estado de Minas Gerais e Goiás. Devido ao atraso no plantio desses estados, grande parte da área cultivada ainda não havia entrado nos estádios reprodutivos em abril, e o corte nas precipitações no início do mês já afetou drasticamente o potencial produtivo dessas áreas.

Apesar dos últimos eventos climáticos desfavoráveis à cultura, em todos os estados as produtividades estimadas seguem próximas às obtidas na última safra, e as precipitações futuras serão decisivas à confirmação ou não, das produtividades estimadas.

Para a safra 2025/26, a Conab estima uma produção de 108,5 milhões de toneladas, 4,2% inferior ao último ciclo, cultivadas em 17,8 milhões de hectares, 2,1% superior ao plantado.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as lavouras apresentam desenvolvimento vegetativo satisfatório, sem registros relevantes de pressão de pragas ou doenças. O bom desempenho é sustentado pela adoção de tecnologia de alto nível e pela realização do plantio majoritariamente dentro da janela climática recomendada. Há perspectiva de recordes de produtividade na safra, dado o cenário favorável que se mantém até o momento.

Paraná: o plantio foi finalizado em abril no estado, e mais da metade das áreas já se encontram nos estádios reprodutivos. O desenvolvimento da cultura é considerado regular, com perda do potencial produtivo em algumas regiões devido à ocorrência de veranicos e uma maior pressão de doenças foliares e enfezamento.

Mato Grosso do Sul: apesar do registro de estresse hídrico pontual em algumas lavouras em fase de pendoamento, a expectativa de produtividade média não foi afetada. Neste intervalo avaliativo, houve continuidade do forte ataque da lagarta *Spodoptera frugiperda*, havendo necessidade de sucessivas pulverizações de inseticidas formulados com moléculas mais caras para se obter controle efetivo. Cerca de 45% estão em fase de florescimento, gerando preocupação pelo fato de a praga também danificar as estruturas reprodutivas, podendo afetar o potencial produtivo do cereal. Além disso, foi relatado aumento populacional de pulgão nos períodos com menor umidade, demandando monitoramento e intervenções fitossanitárias.

Goiás: a depender da região, o milho segunda safra variou entre 20 % e 50% de área semeada fora da janela ideal. No estado, o desenvolvimento do cereal se encontra nas seguintes fases: 50% vegetativa, 40% em floração e 10% em enchimento de grãos. A área mantém-se em 1.750 mil hectares, e a produtividade foi reduzida para 5.903 kg/ha devido à redução das precipitações

em todo o estado. O recuo das áreas se dá em razão do atraso da colheita da soja, tornando a janela curta nesta safra, enquanto as produtividades podem recuar ainda mais, caso as previsões meteorológicas se confirmem.

Nesta safra ocorreu que, muitos produtores avançaram na janela de plantio. Relatos de plantios até 15 de março, o que acrescenta risco considerável à esta parcela das lavouras que também deve ficar sem cobertura de seguros oficiais ou particulares. As lavouras apresentam um quadro de estresse hídrico inicial e ao mesmo tempo crescente devido à ausência de precipitações há cerca de 20 dias, manifestando no enrolamento foliar em percentuais variáveis, especialmente nos talhões de plantio mais tardio. Embora as áreas em estádios fenológicos mais avançados ainda mantenham o vigor vegetativo, o prolongamento do deficit hídrico eleva a preocupação dos produtores, com sinalizações pontuais de perda de potencial produtivo.

Não houve registros de danos severos por pragas ou doenças, mas a alta pressão de lagartas no início do ciclo em algumas áreas, principalmente do sudoeste do estado, exigiu aplicações extras devido à perda de eficácia das biotecnologias.

Minas Gerais: devido ao atraso da colheita da soja, foi registrado nesta safra um menor percentual de lavouras semeadas ainda dentro da janela ideal de plantio. Assim, as plantas se encontram em campo em estádios de desenvolvimento mais atrasados quando comparados à safra passada.

Os volumes precipitados reduziram nas últimas semanas, e a umidade do solo já começa a baixar a níveis mais acentuados, o que traz alerta para as lavouras completarem o seu ciclo. Para os plantios mais atrasados, dado o sistema radicular menos profundo, já há relatos de lavouras apresentando folhas

retorcidas. Inegavelmente, ainda são necessárias novas precipitações para que essas lavouras mais atrasadas consigam completar o seu ciclo.

São Paulo: o plantio foi finalizado no estado, e as lavouras se encontram nos estádios de desenvolvimento vegetativo até enchimento de grãos. As precipitações ocorridas favoreceram o desenvolvimento do cereal em grande parte do estado, entretanto, municípios do norte do estado tiveram volumes reduzidos de chuvas no período, afetando o potencial produtivo do milho



Foto 8 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Jataí-GO

Fonte: Conab.

nessas localidades.

Distrito Federal: a cultura se encontra nos estádios de desenvolvimento vegetativo e reprodutivo e apresentou bom desenvolvimento durante o levantamento. Entretanto, a acentuada redução das precipitações e as temperaturas elevadas já começaram a afetar o potencial produtivo das lavouras.

Maranhão: o plantio da segunda safra foi realizado em municípios da região sul do estado em fevereiro e março de 2026, após a colheita de soja. A semeadura foi finalizada com atraso, na segunda quinzena de março, e com

parte da área plantada fora da janela ideal de plantio devido ao atraso na colheita da soja. As lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos, com bom desenvolvimento, principalmente, para os semeados de até fevereiro de 2026. Devido à impossibilidade de plantio na janela ideal para a cultura de parte de área a ser semeada, houve uma redução considerável de 19,6% da área semeada, a depender da localidade. A maioria dessas áreas migrou para culturas de sorgo, milheto, feijão-caupi e braquiária, que são mais resistentes ao estresse hídrico.

Piauí: nesta safra, embora tenha ocorrido chuvas no terceiro decêndio de outubro, com início consequentemente da semeadura da soja, havia perspectiva de aumento significativo de área. Entretanto, devido às irregularidades das chuvas em novembro e dezembro, situação que prolongou a semeadura da soja, houve uma redução na janela ideal de plantio da segunda safra. Com isso, registrou-se uma pequena redução de área de 3,9% em relação à safra anterior. As lavouras seguem se desenvolvendo em boas condições, mas ainda são necessários bons volumes de chuva para que o cereal consiga completar o seu ciclo.

Pernambuco: as chuvas regulares têm favorecido o desenvolvimento da cultura, e os estádios variam desde a emergência até lavouras já em enchimento de grãos. Até o momento, não há registro de ocorrências fitossanitárias relevantes.

Ceará: o plantio foi finalizado no estado, e a maioria das lavouras já se encontram nos estádios reprodutivos. As chuvas frequentes, alternadas por períodos de sol, têm favorecido o desenvolvimento do cereal em grande parte do estado.



Foto 9 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Nova Colinas-MA

Fonte: Conab.

Paraíba: já havia semeado 71% da área durante este levantamento, e os estádios variaram desde a emergência até o enchimento de grãos. As lavouras se encontram com desenvolvimento entre bom a regular devido ao ataque de pulgão e de lagartas, principalmente no sertão, com necessidade de replantio em alguns municípios. Contudo, as boas precipitações ocorridas têm animado os produtores.

Bahia: as lavouras apresentam bom desenvolvimento, favorecidas pela extensão do período chuvoso, o que pode resultar em incremento de produtividade.



Foto 10 - Milho 2ª safra - Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

Tocantins: as precipitações, apesar da redução de volume em abril, foram suficientes para manter o nível de umidade no solo, propiciando boas condições de desenvolvimento para o cereal.



Foto 11 - Milho 2ª safra - Floração - Arcoverde-PE

Fonte: Conab.

As áreas semeadas no início da janela de cultivo já avançam para as fases finais de enchimento de grãos e apresentam ótimo desenvolvimento. Entretanto, áreas semeadas em março ainda dependem que as chuvas se prolonguem durante maio para conseguirem boas produtividades.

Rondônia: o plantio foi finalizado, e a maioria das áreas foi semeada na janela ideal de cultivo. Grande parte dos cultivos já entraram nos estádios reprodutivos e apresentam bom desenvolvimento, favorecidas pelas boas precipitações ocorridas.

Pará: as chuvas vão diminuindo de intensidade nos principais polos de produção, mas continuam suficientes para o bom desenvolvimento da

cultura. Nos polos da BR-163 e Redenção, a maioria das áreas encontram-se nos estádios reprodutivos, com mais de 20% delas já em maturação. Nos polos Santarém e Paragominas, que têm um calendário de cultivo mais tardio, as lavouras se encontram desde a emergência até início de enchimento de grãos.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,33		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,19		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
	Sudeste Paraense	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	1,28	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C		
MA	Sul Maranhense - MA	0,83		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PI	Sudoeste Piauiense	0,33		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	35,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	9,15	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,45	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,73	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	6,39	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	1,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,03	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,78	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
GO	Norte Goiano	0,20	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	10,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
DF	Distrito Federal	0,21	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	0,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul/Sudoeste de Minas	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	1,05			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,61			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,88	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,86		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,44		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Paranaense	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	4,62	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,39	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	595,6	2.734	1.628,5
2020/21	662,1	3.341	2.211,9
2021/22	637,1	3.664	2.334,6
2022/23	650,1	3.868	2.514,9
2023/24	635,1	4.714	2.993,6
2024/25	Abr./26	587,8	2.485,3
	Mai./26	676,8	3.254,5

Fonte: Conab.

Continua

O plantio avança em todos os estados, devendo ser finalizado em meados de junho. As precipitações frequentes favorecem o desenvolvimento do cereal, e as paralisações de plantio, devido ao solo excessivamente úmido, são consideradas normais pelos produtores.

Para esta safra está estimada uma produção de 3,3 milhões de toneladas, cultivadas em 676,8 mil hectares. O aumento da produção está diretamente ligado com o aumento de 6,6% da área cultivada.

ANÁLISE ESTADUAL

Alagoas: nas regiões do Agreste e da Bacia Leiteira, que concentram a maior parcela da produção estadual, as chuvas passaram a ocorrer com maior regularidade a partir da segunda quinzena de abril, favorecendo as operações de semeadura. A maior parte das áreas encontra-se em desenvolvimento vegetativo, apresentando bom desempenho e sem registros relevantes de pragas.











Sergipe: as chuvas de inverno começaram no início de abril de forma ainda espaçada na primeira quinzena do mês, visto que a partir da segunda quinzena os eventos foram tornando-se frequentes e mais volumosos, possibilitando assim uma maior movimentação para a semeadura.

Neste momento, devido à ocorrência de chuvas mais intensas e constantes, muitas das áreas não podem ser trabalhadas por conta da elevada umidade do solo, condição típica para essa época do ano, quando se tem a combinação de umidade elevada e temperaturas mais altas. Os produtores estão tentando acelerar ao máximo o plantio, para que o cereal possa aproveitar o máximo do período chuvoso. Das áreas já semeadas, os estádios variam de emergência a desenvolvimento vegetativo.

Pernambuco: o cereal foi o principal beneficiado pelo recente desvio positivo de precipitação. Visando melhor aproveitamento da janela de chuvas, o plantio do cereal tem sido priorizado, buscando escalonamento com a semeadura do feijoeiro. A temperatura e a umidade do solo propiciam boas condições para consolidação da semeadura. As áreas recém-semeadas apresentam boa vitalidade vegetativa, com a semeadura prevista para conclusão em maio.

Bahia: as precipitações regulares e bem distribuídas em todas as regiões produtoras têm propiciado condições ideais para a implantação da cultura. O plantio deverá se prolongar até meados de junho.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva						
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2024/25								
			MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
RR	Sul de Roraima	1,23	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Norte de Roraima	4,29	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano	0,64	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Pernambucano	1,41	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
AL	Sertão Alagoano	0,75	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Alagoano	1,78	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Leste Alagoano	0,47	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SE	Sertão Sergipano	24,16	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Agreste Sergipano	17,86	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Leste Sergipano	3,44	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano**	1,56	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Baiano	41,72	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Centro Norte Baiano	0,37	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2023)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab registra uma colheita histórica de milho na safra 2024/25, com produção total estimada em 141,16 milhões de toneladas — o maior volume já registrado no país. Este desempenho expressivo é resultado da combinação entre ganhos de produtividade no campo e a expansão da área dedicada ao milho de segunda safra.

No mercado interno, o consumo previsto para 2025 é de 90,68 milhões de toneladas, um acréscimo de 7,8% frente à safra anterior. Esse crescimento

é atribuído principalmente ao aumento da utilização do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, o volume está consolidado em 1,8 milhão de toneladas na safra 2024/25. As exportações, por sua vez, atingiram 41,6 milhões de toneladas na mesma safra, impulsionadas pela ampla oferta interna e pela maior demanda internacional pelo grão. Ao final da safra, os estoques de milho devem alcançar 12,47 milhões de toneladas em fevereiro de 2026.

Para a safra 2025/26, as projeções indicam expansão da área plantada, tanto na primeira como na segunda safra. Na safra de verão, espera-se um crescimento de 8,4% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço foi motivado por perspectivas no momento de definição de área, de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 2,1% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 6,2% na produtividade deverá provocar uma redução de 4,2% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir 140,2 milhões de toneladas, representando um recuo de 0,7% em comparação com o ciclo anterior. Essa ligeira retração está relacionada ao elevado nível de produtividade registrado na safra anterior, beneficiada por condições climáticas particularmente favoráveis.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um

avanço de 4,6% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade em relação ao ciclo anterior.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL"	
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1	
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3	
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9	
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3	
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	84.106,2	38.500,9	1.773,5	
2024/25	1.773,5	141.157,6	1.845,8	144.776,9	90.676,9	41.631,5	12.468,6	
2025/26	abr/26	12.689,1	139.571,9	1.700,0	153.961,0	94.648,1	46.500,0	12.812,9
	mai/26	12.468,6	140.171,3	1.700,0	154.339,9	94.862,7	46.500,0	12.977,2

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em maio/2026

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.716,5 mil ha

+2,9%

PRODUTIVIDADE

3.698 kg/ha

+2,1%

PRODUÇÃO

180.129,6 mil t

+5,0%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2019/20	37.361,6	3.382	126.373,8	
2020/21	39.762,0	3.525	140.179,3	
2021/22	41.793,8	3.130	130.828,7	
2022/23	44.514,7	3.575	159.154,3	
2023/24	46.095,9	3.282	151.283,4	
2024/25	47.346,1	3.622	171.480,5	
2025/26	Abr/26	48.472,7	3.696	179.151,6
	Mai/26	48.4716,5	3.698	180.129,6

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Em 11 de maio, a colheita da safra de soja 2025/26 alcançou 98,3% da área estimada, e os números estimados já confirmam mais um recorde de produção da oleaginosa. O sétimo recorde obtido nas últimas dez safras.

A colheita foi encerrada nas Regiões Sudeste, Centro-Oeste, e no Paraná e Tocantins. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina ela ultrapassa o quinto final. No Maranhão ela se prolongará até meados de junho. Apesar da

instabilidade climática ocorrida durante o início da safra, que provocou interrupções e atraso de plantios, a regularização das chuvas a partir de dezembro ajudou na recuperação das lavouras.

Já em janeiro e fevereiro, o excesso de precipitações e dias nublados, na maioria das regiões, atrasaram as operações de colheita, principalmente em Goiás e Minas Gerais. Mesmo nestas condições, as produtividades em todos os estados foram superiores ou bem próximas das obtidas na última safra, refletindo a adaptação dos cultivos a possíveis situações de extremos climáticos.

Nos estados, destaque para a Bahia, maior produtividade nesta safra e em cinco das últimas dez colheitas. Mesmo no Rio Grande do Sul, que passou por vários momentos de insegurança hídrica, as produtividades foram superiores às obtidas na última safra.

Neste levantamento, a área cultivada de soja foi revisada para 48.716,5 mil hectares, com aumento da área cultivada no Paraná, e a produção está estimada em 180,1 milhões de toneladas, 5% superior à da safra 2024/25, e mais um recorde de produção da soja no Brasil.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita foi finalizada no estado, e os resultados obtidos ficaram um pouco abaixo do recorde de produtividade da safra 2024/26.

Rio Grande do Sul: a colheita da soja, principal cultura agrícola do estado, avança em ritmo acelerado, atingindo 78% da área cultivada no início de maio. Do montante restante no campo, 19% encontra-se em fase de maturação e 3% em enchimento de grãos. O ciclo foi marcado por chuvas irregulares e temperaturas

elevadas, que se estenderam até março, resultando em um cenário de colheita heterogênea entre as regiões. As regiões do Noroeste (87% colhido), Missões (80% colhido) e Planalto Médio lideram os avanços operacionais. Em contrapartida, a Metade Sul e a Serra registram maior lentidão, reflexo da umidade elevada e da maior proporção de cultivos tardios. Na região Central, a colheita aproxima-se de 50%, com perdas consolidadas devido à escassez hídrica entre janeiro e fevereiro.

No Alto Uruguai e Missões, as restrições hídricas resultaram em plantas de baixa estatura e falhas no enchimento de vagens. Na região da Campanha, os trabalhos atingem 33% da área, com melhores condições para as lavouras semeadas entre dezembro e o início de janeiro. Já no Sul, a colheita supera 25%, e as chuvas recentes têm sido benéficas para recuperar parte da produtividade em áreas de enchimento de grãos que sofreram com a restrição hídrica de fevereiro.

Em termos de rendimento, a produtividade média estadual está mantida em 2.769 kg/ha. Embora a evolução da colheita apresente surpresas positivas em algumas localidades, revisando previsões iniciais para cima, os prejuízos em diversas zonas já estão consolidados.



Foto 12 - Soja - Enchimento de grãos - Erechim-RS

Fonte: Conab.

Paraná: a colheita da safra principal foi finalizada no início de maio, e as produtividades obtidas superaram às da safra passada, sendo estimada em 3.755 kg/ha. Apesar do ajuste negativo em relação ao último levantamento, decorrente de variações climáticas regionais durante o estágio de enchimento de grãos, o estado assegura uma produção recorde de 21,6 milhões de toneladas.

Apenas áreas semeadas com soja após a colheita do milho e feijão primeira safra permanecem em campo. A umidade persistente no período favoreceu o enchimento de grãos dessas lavouras, garantindo o aporte de fotoassimilados necessários para a cultura. A maioria das áreas encontra-se em maturação, e a colheita foi iniciada pontualmente. Neste levantamento, a área cultivada com a oleaginosa foi elevada para 5.738,7 milhões de hectares devido à atualização de mapeamentos realizados pela companhia.

Mato Grosso do Sul: a colheita foi finalizada no final de abril, e a redução das precipitações favoreceu a operação. O avanço mais intenso delas ocorreu entre o final de fevereiro e a primeira quinzena de março, período que concentrou a maior parte da colheita, sendo favorecido pelas condições climáticas mais secas observadas a partir de então. Foi constatado, de maneira pontual, ajustes positivos em relação ao levantamento anterior. Em suma, o encerramento da safra no estado ocorreu em um cenário mais favorável, quando comparado ao da safra anterior, com impactos pontuais de produtividade em razão das condições climáticas adversas.

Goiás: a escassez de chuvas durante o mês favoreceu um bom ritmo da colheita. As lavouras de ciclo médio e tardio foram beneficiadas pelo regime de chuvas, mesmo que irregulares. As áreas remanescentes do estado foram colhidas na última semana de abril. Grãos avariados e ardidos foram casos pontuais no início e meio da safra. Nesta reta final, entretanto, o que foi identificado foram cargas mais leves, com baixo peso específico dos grãos.

A área cultivada foi mantida, e a produtividade média ajustada para 3.910 kg/ha. Essa redução é justificada pelo desempenho das áreas remanescentes em diversos municípios, onde a produtividade foi afetada por ataques de nematoides e pelo excesso de dias nublados durante a fase reprodutiva. Esses fatores resultaram em grãos mais leves, com perdas registradas predominantemente nas regiões sul, norte e leste do estado.

Minas Gerais: a colheita foi finalizada no início de maio no estado. Foi constatado um início de safra marcado pelo atraso na semeadura devido à falta de chuvas, com as primeiras lavouras sentindo bastante a estiagem de outubro. Já do meio da safra em diante, os elevados volumes de chuva, de dezembro a março, propiciaram um bom desenvolvimento para a cultura, resultando em produtividades muito próximas à da safra anterior.

Entretanto, as operações de campo foram dificultadas devido ao excesso de umidade no solo, com minas de água se formando nas lavouras, inviabilizando tanto as pulverizações quanto a colheita em fevereiro e março, e em alguns casos causando a perda da produção. Mesmo com alguns fatores baixistas no decorrer da safra, a planta conseguiu entregar boas produtividades em virtude da disponibilidade hídrica e da melhoria contínua do pacote tecnológico por parte dos agricultores. Neste cenário, houve uma produção estimada de 9.158,8 mil toneladas nesta safra, o que é apenas 0,3% abaixo da produção da safra anterior.

Santa Catarina: a colheita da safra principal da soja no estado está avançada em todas as regiões, com predominância de lavouras em maturação e finalização da colheita. As produtividades são consideradas boas, com média estadual de 3.815 kg/ha. Nos Planaltos, os rendimentos ficaram próximos de 3.940 kg/ha, enquanto no Extremo Oeste variaram entre 3.000 e 3.600 kg/ha. As condições climáticas foram, em geral, favoráveis, especialmente quanto à distribuição de

chuvas ao longo do ciclo. No entanto, períodos de estiagem associados a altas temperaturas impactaram pontualmente áreas do Planalto Sul e do Oeste. O status fitossanitário foi considerado adequado, com baixa incidência de pragas e doenças.

A safrinha, plantada após a colheita de feijão ou milho primeira safra, apresenta desenvolvimento variável entre regiões, com lavouras em estádios que vão do vegetativo à formação de grãos. De forma geral, a safra apresenta bom estado fitossanitário, com expectativa condicionada à regularidade hídrica até a colheita.

São Paulo: a colheita foi finalizada no estado, e as boas condições climáticas favoreceram a cultura, resultando em produtividades próximas às obtidas na última safra.

Distrito Federal: a colheita foi finalizada, e o excesso de chuvas durante a maturação prejudicou a qualidade de grãos que seriam destinados à produção de sementes. Mesmo assim, os resultados obtidos superaram os estimados inicialmente.

Bahia: a colheita avança em ritmo acelerado, com previsão de conclusão até meados de maio. As lavouras irrigadas apresentam produtividade abaixo do esperado, atribuída à elevada nebulosidade registrada em dezembro, e à antecipação da colheita para viabilizar o plantio subsequente de algodão. Por outro lado, as lavouras de sequeiro apresentam desempenho superior, favorecidas pela boa distribuição das chuvas e menor incidência de pragas. A produtividade está estimada em 4.080 kg/ha, apenas 1,5% inferior à obtida no último ciclo, mas ainda assim é a maior produtividade estadual do país.

Maranhão: no final de abril, a colheita da soja alcançou 68% da área semeada, com previsão para ocorrer até junho de 2026. As demais lavouras apresentam-

se nos estágios de enchimento de grãos e maturação. Nos Gerais de Balsas, a colheita foi finalizada. Nas regiões das Chapadas das Mangabeiras e de Porto Franco, que costumam estabelecer suas lavouras mais tarde, ela está próxima da finalização. Essa operação apresentou atraso em comparação ao ano anterior, devido ao atraso de plantio da soja em virtude da irregularidade das chuvas no início do plantio, em outubro e início de novembro de 2025.

Nas demais regiões a colheita está em andamento, variando entre 5% e 50% da área semeada. As lavouras foram bem estabelecidas, apresentando um aspecto sanitário favorável, apesar da instabilidade climática com veranicos, e bom potencial produtivo. Na região do Baixo Parnaíba Maranhense, as lavouras implantadas mais tardiamente devem ter a colheita entre maio e junho de 2026. Na safra 2025/26, a área de plantio de soja estimada é de 1.549,8 mil hectares, com aumento de 7,9%, em relação à safra anterior, devido aos aumentos de área identificados em todas as regiões produtoras do estado.

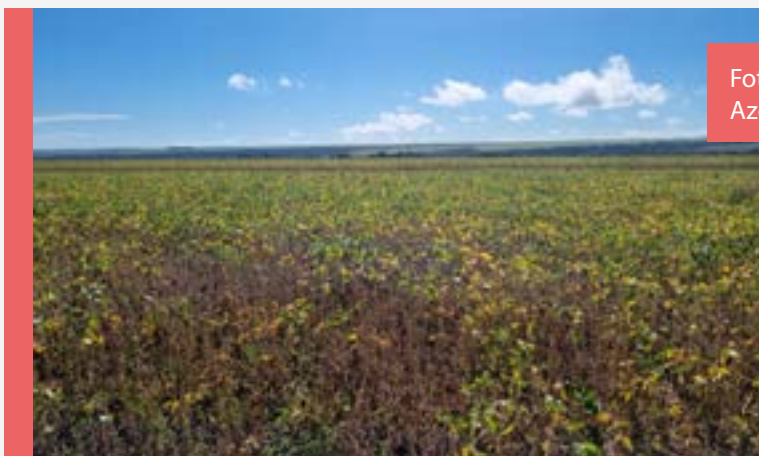


Foto 13 - Soja - Maturação - São Domingos do Azeitão-MA

Fonte: Conab.

Piauí: a colheita se aproxima da finalização, e alcançou 98% da área semeada no início de maio. A redução das precipitações favoreceu as operações e suficientes para a finalização do ciclo das áreas semeadas tardiamente. As produtividades obtidas superaram as estimadas inicialmente e às da safra passada, resultado de boas condições climáticas e da tecnologia empregada pelos produtores.



Foto 14 - Soja - Colheita - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Tocantins: durante abril, a colheita da primeira safra transcorreu normalmente no estado em áreas em que o plantio foi estendido durante dezembro e início de janeiro e será finalizada nos próximos dias. A redução das chuvas favoreceu a operação e foi encerrada no final de abril. Os produtores consideram uma safra mediana devido às condições climáticas pouco favoráveis no estabelecimento inicial da cultura, que contribuiu para uma redução na população de plantas e uma menor nodulação inicial. Além disso, o excesso de dias nublados durante o enchimento de grãos da oleaginosa reduziu o peso dos grãos, quando comparada ao de outras safras. Mesmo assim, neste levantamento a produtividade está estimada em 3.642 kg/ha.

Em Tocantins, diferente da maioria dos estados, é permitido o cultivo da soja segunda safra no período de vazio sanitário, mas somente nas regiões de várzea e













apenas para a produção de sementes. O plantio nessas regiões já foi iniciado e se estenderá durante maio, em uma área ainda estimada em 52,7 mil hectares.

Pará: ocorreram excessivas precipitações por todo o estado em abril. No polo de Paragominas 400 mm foram registrados e em algumas situações causou problema de encharcamento às lavouras, mas não causando prejuízos consideráveis. Nos polos Redenção e na BR-163, a colheita foi encerrada. Os polos que ainda colhem são o Paragominas e Santarém. A colheita se estenderá até meados de maio, e as condições climáticas ocorridas durante o ciclo em todas as regiões produtoras propiciaram produtividades acima da média, e o estado deverá alcançar um novo recorde de produtividade nesta safra que se finaliza.

Rondônia: a colheita foi finalizada no estado, e as produtividades superaram as estimadas inicialmente.






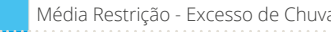
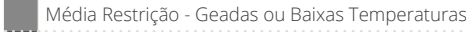


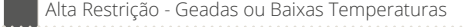
Roraima: com um regime de chuvas que acompanha o Hemisfério Norte, o plantio foi iniciado no estado e se prolongará durante maio. As chuvas frequentes têm paralisado as operações em alguns períodos, mas os agricultores têm conseguido avançar com o plantio nas janelas de tempo seco.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva
			 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,13		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PA	Sudeste Paraense	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,30		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Leste Maranhense	0,60			S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul Maranhense	1,46		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda - Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PI	Sudoeste Piauiense	2,57		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,29		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	16,41	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,75	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Mato-grossense	3,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,19		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,55	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,86		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C		
MG	Noroeste de Minas	1,41		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,67		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Itapetininga	0,77		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,54	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,08	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,21	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,25	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,87		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Sudeste Paranaense	0,99		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Catarinense	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	7,54		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,79		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	1,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,60		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,35		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2025/26

Safra de grãos

A Conab revisou a estimativa de produção da safra 2025/26, elevando-a para 180,13 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 978 mil de toneladas em relação ao levantamento anterior.

Diante do elevado volume projetado para a safra e das perspectivas de exportações aquecidas em 2026, a estimativa de embarques também foi ajustada para cima, com aumento de 630 mil de toneladas, alcançando o recorde de 116 milhões de toneladas.

Os estoques tiveram uma alta de 344 mil toneladas, agora estimado em 10,30 milhões de toneladas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,3	171.480,5	969,0	179.680,8	61.525,0	108.181,1	9.974,8
	2025/26	9.974,8	180.129,6	500,0	190.604,4	64.274,4	116.025,3	10.304,7
FARELO	2024/25	2.589,0	44.233,7	0,1	46.822,8	19.751,2	23.269,2	3.802,4
	2025/26	3.802,4	46.644,7	1,0	50.448,1	20.400,0	24.696,0	5.352,1
ÓLEO	2024/25	465,2	11.765,0	105,2	12.335,5	10.312,0	1.362,9	660,6
	2025/26	660,6	12.153,2	100,0	12.913,8	10.678,0	1.400,0	835,8

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em maio/2026

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.140,3 mil ha

- 12,5%

PRODUTIVIDADE

2.985 kg/ha

- 7,3%

PRODUÇÃO

6.388,1 mil t

- 18,9%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	2.445,9	3.219	7.873,4
2025	Abr/26	2.220,8	6.616,2
	Mai/26	2.140,3	6.388,1

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Neste oitavo levantamento, da safra 2025/26, a produção de trigo apresenta retração, refletindo principalmente a redução da área semeada no Paraná e Rio Grande do Sul, além do recuo na produtividade média estimada, totalizando 6.388,1 mil toneladas e queda de 18,9% em relação ao ciclo anterior.

As lavouras mais adiantadas concentram-se em Minas Gerais e Goiás, visto que este último já apresenta áreas em início de floração. No Paraná, São Paulo e Mato

Grosso do Sul, a semeadura está em fase inicial, enquanto na Bahia e no Rio Grande do Sul, o plantio é esperado para maio, e em Santa Catarina para junho.

Paraná: o encerramento de abril, com instabilidade hídrica, atuou como limitador para as operações de campo. De forma geral, embora a umidade do solo contribua para a formação de reserva hídrica, a frequência das chuvas dificultou o avanço da semeadura. Além disso, observa-se, de maneira recorrente, que o plantio antecipado nesse período pode expor a cultura a maior risco de geadas em fases mais sensíveis, o que justifica a cautela adotada nas principais regiões produtoras.

A área cultivada apresenta retração, refletindo o desestímulo do produtor. Observa-se, de forma geral, uma redução no nível tecnológico adotado, com menor uso de insumos e maior utilização de sementes próprias, o que pode, potencialmente, limitar o desempenho das lavouras. Esse comportamento está associado, em grande parte, a um cenário de menor atratividade da cultura, levando os produtores a adotarem estratégias mais conservadoras de manejo.

São Paulo: o cereal começa a ser semeado no estado. A estimativa atual aponta para manutenção da área cultivada em relação à safra anterior. A expectativa considera o desempenho das últimas safras e o cenário de preços recebidos pelos produtores, que têm limitado o interesse por ampliações mais expressivas da área.

Minas Gerais: em virtude das precipitações acima da média nos primeiros meses do ano, os períodos de plantio das culturas de segunda safra foram, de forma geral, postergados, ultrapassando a janela ideal, tanto para o milho quanto para o sorgo. Como consequência, a semeadura do trigo também ocorreu de maneira mais tardia, com áreas de sequeiro ainda em fase final de

implantação, especialmente em regiões mais elevadas e com maior umidade.

Ao longo do dia, as temperaturas permanecem elevadas, enquanto durante a madrugada observa-se redução térmica, com manutenção de umidade no solo nas primeiras horas do dia. De forma geral, essas condições têm favorecido o desenvolvimento inicial da cultura.

Dessa forma, observa-se a expectativa de melhoria no desempenho das lavouras, tanto nas áreas de sequeiro quanto nas irrigadas. No que se refere à área cultivada, verifica-se redução nas áreas de sequeiro, associada ao atraso na semeadura. Ainda assim, a produção tende a se manter em patamar superior ao ciclo anterior.

Distrito Federal: as lavouras de sequeiro e irrigado encontram-se, de forma geral, em estádios de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentando bom aspecto fitossanitário.

Considerando as duas modalidades de cultivo, a área destinada ao cereal tende a apresentar crescimento, com expectativa de desempenho favorável ao longo do ciclo.

Goiás: a semeadura do trigo de sequeiro encontra-se em estágio avançado, com as lavouras praticamente implantadas, enquanto as áreas irrigadas ainda em implantação, de forma pontual.

As lavouras de sequeiro encontram-se em estádios de germinação, emergência e início de perfilhamento, sem registros de áreas em enchimento de grãos. Esses cultivos estão concentrados em regiões de maior altitude, localizados predominantemente na porção leste do estado, abrangendo municípios como Alto Paraíso de Goiás, Padre Bernardo, Niquelândia, São João d'Aliança, Água Fria, Planaltina, São Gabriel, Formosa, Cabeceiras, Cristalina, Luziânia, Catalão, Campo

Alegre, Vianópolis e Silvânia.

A semeadura do trigo irrigado teve início de forma pontual nas regiões sudoeste e leste, com previsão de continuidade ao longo do mês seguinte nas demais áreas.

O regime de chuvas tem se mantido abaixo do esperado, resultando em níveis de umidade do solo inferiores ao ideal para o desenvolvimento das lavouras de sequeiro. Embora o trigo não seja uma cultura de alta exigência hídrica, a disponibilidade de água é fundamental nas fases de perfilhamento, emborrachamento e enchimento de grãos.

Em virtude dessas condições, observa-se tendência de limitação no desempenho das lavouras de sequeiro, associada à restrição hídrica e, pontualmente, ao aumento da pressão de pragas, com ocorrência de lagartas, causando danos foliares.

As lavouras irrigadas já estabelecidas apresentam boas condições fitossanitárias até o momento, em virtude do melhor controle da pressão de pragas e doenças proporcionado pelo sistema de pivô central.

Mato Grosso do Sul: estima-se redução da área cultivada, associada, de forma geral, às condições de mercado, além de incertezas climáticas ao longo do ciclo.

A semeadura do trigo segue em andamento no estado, favorecida pela ocorrência de períodos de sol intercalados com chuvas. No entanto, as condições ainda não foram plenamente ideais para o desenvolvimento da cultura, especialmente no que se refere ao perfilhamento.

As lavouras em desenvolvimento vegetativo apresentam boa sanidade e

condições adequadas de umidade no solo, não havendo necessidade de intervenções até o momento.

OFERTA E DEMANDA

Os preços do trigo subiram no último mês nas principais praças produtoras do Brasil, a saber, Paraná e Rio Grande do Sul. No Paraná, observou-se uma leve desvalorização: o preço passou de R\$ 60,96 em fevereiro para R\$ 62,51 em março, um aumento de 2,55%. No Rio Grande do Sul, os preços seguiram essa tendência de alta: o preço médio subiu de R\$ 55,09 em fevereiro para R\$ 56,76 em março, variação positiva de 3,4%. Esse aumento foi causado por estiagem na área de grande produção norte-americana e problemas causados pelo aumento do frete marítimo, o que gerou uma demanda maior nesse período, visto que pelos baixos preços do trigo nos últimos anos, a produção tende a não ser tão alta em 2026.

No mercado internacional, o cenário segue de grande oferta de trigo e estoques elevados. Porém, questões climáticas nos Estados Unidos e na região do Mar Negro, além das questões geopolíticas no Oriente Médio, que afetou o preço do petróleo e a queda na oferta de fertilizantes no mundo, geraram um cenário no qual os preços agrícolas podem ser afetados positivamente devido à menor oferta no caso de redução de investimento na lavoura. A média mensal fechou com valorização de 4,86%, com a média FOB Golfo (Estados Unidos) cotada a US\$ 274,44 por tonelada. Na Argentina, houve perda de qualidade do trigo em relação à safra passada, e o preço médio de fevereiro ficou em US\$ 225,25 por tonelada.

Além do cenário de queda na previsão da produção de aproximadamente 300 mil toneladas, em comparação ao levantamento anterior, estima-se ainda uma redução nas exportações, totalizando 1,52 milhão de toneladas, enquanto que

na importação projeta-se aumento, atingindo quase 7 milhões de toneladas. Estas revisões seguem em linha com o dado preliminar divulgado pela Secex. Desta forma, a previsão é que a safra 2026 se encerre com estoques finais de 1,67 milhão de toneladas, em patamares ainda elevados, porém em linha com o cenário mundial, num contexto de diversas incertezas acerca da oferta global do trigo para o segundo semestre.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.079,0	15.817,1	11.849,8	3.028,3	939,0
2022	939,0	10.554,4	4.514,2	16.007,7	11.894,1	2.654,0	1.459,6
2023	1.459,6	8.096,8	5.699,9	15.256,3	11.943,6	2.791,0	521,7
2024	521,7	7.889,3	6.822,2	15.233,2	11.890,6	1.872,6	1.470,0
2025*	1.470,0	7.873,4	6.054,5	15.397,9	11.890,6	1.869,9	1.637,4
2026**	abr/26	1.637,4	6.616,2	6.652,8	14.906,4	11.800,8	1.053,6
	mai/26	1.637,4	6.388,1	6.962,7	14.988,2	11.800,8	1.670,2

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em maio/26.

**Previsão.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso do Sul: o clima foi caracterizado por sol pleno, intercalado com chuvas esparsas, que no somatório não abrangeram todo o estado. Dessa forma, a colheita se intensificou nesse período, devendo ser finalizada antes da primeira quinzena de maio. Além disso, a cultura não deve sofrer risco de perda, preservando o bom potencial produtivo da safra.

A colheita do amendoim segue em atividade, com as operações mais adiantadas nas regiões sudeste e centro do estado. Por outro lado, devido ao calendário de cultivo mais tardio, a região nordeste encontra-se mais atrasada, com 55% no momento do levantamento.











Paraná: o predomínio de tempo seco e a baixa umidade relativa do ar em abril favoreceram significativamente as operações de arranquio e a secagem das vagens em campo, garantindo uma colheita com boa sanidade e baixo risco de aflatoxinas. No entanto, essa mesma ausência de precipitações causou o endurecimento excessivo do solo em diversos talhões, dificultando o trabalho das máquinas e elevando as perdas mecânicas por desprendimento de vagens. Além disso, nas lavouras de ciclo mais tardio, a estiagem interrompeu o enchimento final dos grãos, impedindo um avanço no rendimento que poderia ter ocorrido caso houvesse umidade residual.

Minas Gerais: com a colheita praticamente concluída, foi confirmado uma pequena redução na produtividade em virtude dos elevados volumes de chuvas e dias nublados que ocorreram na fase de enchimento de grãos.

São Paulo: a colheita está concluída, com a qualidade do produto superior, comparando-se com a safra passada.

Quanto à produtividade, com chuvas ocorridas durante fevereiro e março, as lavouras se beneficiaram, e os produtores obtiveram produtividades de até 4.850 kg/ha, também superior ao ciclo anterior.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - AMENDOIM

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2025/2026						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GERGELIM

Mato Grosso: o clima foi favorável ao desenvolvimento da lavoura de gergelim, cuja predominância é no estágio de desenvolvimento vegetativo, tendo em vista o atraso no plantio.

O excesso de umidade pode ocasionar uma ligeira redução no rendimento potencial em áreas que sofreram atrasos no plantio, mas nada que prejudique totalmente a cultura.

A previsão de área aponta para retração moderada de área devido à conjuntura mercadológica de preços relativamente mais baixos, registrados em safras recentes, e concorrência com o milho na segunda safra.

Atualmente, a relação entre oferta e demanda está mais consolidada, havendo o estabelecimento dos preços já de duas safras anteriores. As negociações têm ocorrido de forma antecipada, em que o produtor trava a maior parcela de sua produção antecipadamente, deixando apenas uma margem em aberto, referente à produção eventualmente sobressalente, para negociar em momento futuro.

Em um mercado com um número relativamente mais limitado de compradores, comparativamente às culturas concorrentes, faz sentido esse travamento prévio de preços e quantidades contratadas, o que oferece maior segurança e previsibilidade para o produtor fazer a opção pela cultura.

A produção tem como destino majoritário o mercado exportador, com apenas uma parcela residual sendo alocada ao mercado interno. Outro ponto de destaque tem sido a descentralização da cultura para novas regiões. Antes restrita principalmente ao Vale do Araguaia, atualmente o

gergelim encontra-se disseminado por todo o estado, assim como tem se consolidado em estados vizinhos, como o Pará, Goiás e Tocantins.

Pará: grande parte das lavouras encontra-se em desenvolvimento vegetativo, mas já há áreas em floração e enchimento de grãos. As primeiras lavouras a colher serão no polo Redenção e BR-163, por ter sido cultivadas primeiro. As condições de desenvolvimento estão satisfatórias, pois o clima tem se mantido firme.

A estimativa aponta para redução de área em virtude das condições de mercado do produto, com lavouras perdendo espaço para o milho segunda safra.

Tocantins: o acumulado de chuvas nos últimos 30 dias vem favorecendo o desenvolvimento da cultura na fase reprodutiva, com boa parte das áreas em floração.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: colheita encerrada em fevereiro.

Nesta safra, a área cultivada teve incremento de 46,3% em relação à safra passada. Este aumento ocorreu devido à disponibilidade de sementes, que foi deficitária na safra 2024/25, por permitir o plantio de terceira safra (safrinha), e pelo histórico de bons resultados produtivos e econômicos nas últimas safras.

Distrito Federal: a cultura encontra-se em fase de plantio e desenvolvimento vegetativo, com área estimada semelhante ao cultivado no ciclo passado.

Goiás: a área cultivada com girassol foi reajustada, totalizando 53 mil hectares. Em grande parte do estado, a semeadura ocorreu de forma atrasada, assim como o milho. Há lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo e poucas em fase de reprodução.

O desenvolvimento da cultura é considerado regular, com algumas lavouras já apresentando sinais de estresse hídrico em linha com o observado em outros cultivos de segunda safra. Não há registros de ocorrência de pragas ou doenças fúngicas que tenham causado danos econômicos à cultura. Estima-se que 98% das lavouras estejam na fase vegetativa e 2% na fase reprodutiva.

As condições climáticas não têm se mostrado favoráveis ao cultivo, até o momento. No sudoeste, por exemplo, as lavouras de girassol já sofrem os efeitos da restrição hídrica e necessitam de novas precipitações para expressão de seu potencial produtivo. As chuvas foram interrompidas a partir da segunda semana de abril em todo estado e, até o momento do levantamento, não houve registros de precipitações com volumes mínimos para repor o armazenamento de água no solo.

É conhecido que a resistência do girassol ao estresse hídrico se deve à característica de seu sistema radicular, que apresenta forte desenvolvimento e busca água em camadas mais profundas do solo.

O mercado manteve-se estável, sem evolução no índice de comercialização antecipada, que ficou em torno de 65%.



Foto 15 - Girassol - Desenvolvimento vegetativo - Goiânia-GO

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: de maneira geral, o clima tem favorecido as lavouras desde a implantação até o momento atual, com predominância dos estádios de desenvolvimento vegetativo e florescimento.

Na região sudeste do estado, a cultura segue em fase de florescimento pleno, demandando manejo preventivo, sobretudo contra doenças favorecidas pela umidade proporcionada pelas áreas conduzidas sob pivô central. Na região norte, a cultura foi implantada nesse período, exigindo correções nutricionais e controle de plantas invasoras.

O mercado doméstico permanece praticamente inalterado em vista do levantamento anterior, com o grão já comprometido e destinado às indústrias alimentícias na região de São Paulo.

Mato Grosso: o regime pluviométrico apresentou volumes adequados e bem distribuídos, atendendo plenamente às exigências hídricas da cultura ao longo das fases de desenvolvimento vegetativo e reprodutivo.

As lavouras apresentam bom desenvolvimento, reflexo direto do clima

favorável associado ao manejo assertivo dos tratos culturais. O potencial de rendimento da cultura segue promissor e deve se consolidar com a ocorrência de chuvas razoáveis, projetadas para o início de maio, cujo prognóstico atual permanece favorável para a reta final do ciclo.

O girassol mantém sua dinâmica característica de travamento prévio da produção e de vendas antecipadas, com boa parte da safra já antecipadamente travada, em momento anterior à sua semeadura. Destaca-se que as áreas têm sido cada vez mais restritas no contexto estadual, com a migração das indústrias compradoras para estados vizinhos, com destaque para Goiás.

MAMONA

Bahia: espera-se o aumento da área do cultivo devido ao menor risco de perda nos períodos de estiagem e acréscimo das áreas de cultivo irrigado de inverno na região oeste.

Nos últimos 30 dias houve acumulados de até 90 mm, criando condições favoráveis à colheita dos grãos e ao bom desenvolvimento das lavouras em campo.

As lavouras estão em fase vegetativa e reprodutiva, apresentando boa qualidade e expectativa de alta na produtividade devido à regularidade das chuvas nos últimos meses.

SORGO

Goiás: as lavouras demonstram bom desenvolvimento com 90% em fase vegetativa e 10% em formação de cachos. Nesta safra não houve registros, até o momento, de pressão do pulgão amarelo, provavelmente devido à realização de controle preventivo, com sucesso por parte dos produtores.

Na região leste, o plantio do sorgo avançou além da janela ideal, enquanto no sudoeste houve recuo da área em razão da janela apertada. Dessa forma, as primeiras lavouras semeadas apresentam excelentes condições de desenvolvimento, enquanto aquelas implantadas fora da janela ideal já demonstram comprometimento no desenvolvimento em virtude da falta de chuvas registrada na última quinzena de abril.

O levantamento atual aponta um avanço significativo na área semeada de sorgo, consolidando 631,1 mil hectares. Este crescimento é explicado pela migração estratégica de áreas originalmente destinadas ao milho. Com o encerramento da janela ideal de semeadura desse cereal, parte dos produtores optou pelo sorgo, considerando sua maior adaptação a janelas de cultivo tardias, em razão da maior tolerância da cultura a períodos de deficit hídrico,



Foto 16 - Sorgo - Desenvolvimento vegetativo - Apore-GO

Fonte: Conab.

além da possibilidade de utilização do grão em diferentes segmentos, como na alimentação animal e produção de etanol.

Minas Gerais: nas principais regiões produtoras de sorgo do estado, as precipitações dos últimos 30 dias reduziram e as temperaturas ainda se mantêm elevadas. Salientamos que no final de abril foram registradas máximas superiores a 30 °C nessas regiões.

As temperaturas mais elevadas aumentam a pressão do pulgão na cultura do sorgo. Apesar do sorgo possuir maior rusticidade e ter uma exigência hídrica menor, tivemos áreas semeadas na primeira quinzena de abril, visto que essas áreas tendem a reduzir o rendimento médio do estado.

Apenas 17% das lavouras já iniciaram a fase reprodutiva, enquanto no mesmo período da safra passada esse percentual era de 36%, caracterizando assim, o atraso na semeadura da cultura. Houve correção da área em razão dos trabalhos em campo, principalmente na região do Alto Paranaíba.

São Paulo: o plantio foi finalizado no estado. As lavouras encontram-se majoritariamente no estágio de desenvolvimento vegetativo. A cultura apresenta razoável desempenho em campo, entretanto algumas áreas do norte e noroeste já apresentam sintomas de déficit hídrico devido à redução das precipitações nessas regiões.

Mato Grosso do Sul: o plantio foi finalizado, e as condições de umidade do solo ao longo de abril foram suficientes para garantir germinação e emergência adequadas. Até o momento, as lavouras se desenvolvem em boas condições, com os tratos culturais adequados e sem intercorrências climáticas, uma vez que é uma planta considerada rústica, cujas lavouras ainda encontram-se predominantemente em fase vegetativa.

As condições fitossanitárias são consideradas favoráveis, com as aplicações preventivas sendo realizadas no controle do pulgão e complexo de lagartas, onde o monitoramento vem apontando maior incidência. Com uma parcela das lavouras entrando em fase reprodutiva, produtores seguem realizando as primeiras aplicações de fungicidas protetivas.

Mato Grosso: com o volume de chuvas adequado, o cereal tem demonstrado excelente desenvolvimento vegetativo, com parte dos talhões já florescendo.

Distrito Federal: as lavouras encontram-se nos estágios de desenvolvimento vegetativo e reprodutivo, apresentando desempenho considerado razoável. Entretanto, a redução das precipitações nas últimas semanas já afeta o potencial produtivo de áreas semeadas tardiamente.

Bahia: o plantio está finalizado no oeste, e as lavouras apresentam bom desenvolvimento vegetativo.

Maranhão: a semeadura da segunda safra com sorgo ocorre nos municípios da região sul do estado, após a colheita da soja e do plantio do milho safrinha, em março de 2026. O sorgo foi semeado em segunda safra, especialmente, nas áreas em que não foi possível semear o milho, devido à saída da janela ideal do plantio para essa cultura, uma vez que houve atraso na colheita da soja. A colheita deve ser realizada entre julho e agosto.

Piauí: por se tratar de cultura mais rústica do que o milho e, conseqüentemente, mais resistente ao déficit hídrico, o sorgo tem apresentado uma área de cultivo crescente nessa região. Nesta safra, com a perspectiva de redução significativa da área de milho segunda safra, por falta de janela ideal de plantio, muitos produtores devem optar por produzir sorgo, resultando em aumento de área.



Foto 17 - Sorgo - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Tocantins: a cultura teve o seu plantio finalizado em março e apresenta bom desenvolvimento. Entraram em estádios reprodutivo 80% das áreas, e as restantes encontram-se em desenvolvimento vegetativo.










Pará: assim como as demais culturas de segunda safra, o sorgo está se desenvolvendo em boas condições. O plantio ainda ocorre em Santarém. Já nos polos de Redenção e da BR-163, a maioria das lavouras encontram-se nos estádios reprodutivos, e as chuvas frequentes favorecem o desenvolvimento em todo o estado.

Rio Grande do Sul: a colheita do sorgo no estado entra em sua fase final, com 91% da área cultivada já colhida e os 9% restantes em estágio de maturação. O avanço das operações consolida a cultura como uma alternativa estratégica

no sistema de produção gaúcho, especialmente em anos de instabilidade climática. Na região Noroeste, as áreas que permanecem em campo são provenientes de semeaduras tardias, realizadas em substituição ao milho

safrinha. As condições dessas lavouras são consideradas boas, com plantas apresentando sanidade adequada. Entretanto, o principal gargalo enfrentado é a infraestrutura de armazenagem, dada a escassez de unidades recebedoras especializadas para o grão no estado.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2025/2026								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	AGO
PA	Sudeste Paraense	3,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	1,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,44		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	2,74	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,13		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,92		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,90		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Centro Goiano	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano	7,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano	27,47		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
DF	Norte Mato-grossense	2,26			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	6,00		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	18,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araçatuba	1,94			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Bauru	3,67			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Campinas	1,09			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	1,54			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	1,79			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semearura; (S)=semearura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).

Continua



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a safra passada teve considerável aumento de área em virtude da substituição de áreas de outras culturas, principalmente o trigo. Para a safra atual, a expectativa é que os produtores continuem diminuindo sua área de trigo, porém espera-se que a canola ocupe a maior parte destas áreas. Dessa forma, a estimativa inicial de área a ser cultivada com a cultura é de 372,1 mil hectares, retomando patamar próximo das safras ocorridas entre 2021 e 2024.










Paraná: abril encerrou com clima chuvoso no sudoeste do estado, favorecendo as lavouras implementadas. Diferente das culturas de verão, que sofrem com a umidade na colheita, a aveia encontra condições ideais para o estabelecimento inicial. As precipitações recentes garantem a umidade do solo necessária para uma boa emergência e uniforme, reduzindo os riscos de falhas no estande de plantas que ocorrem em anos de outono seco. As temperaturas mais amenas, que acompanham a frente fria, também auxiliam na aclimação da cultura para o inverno.

Mato Grosso do Sul: a semeadura ainda é incipiente, porém as poucas lavouras implantadas apresentam um cenário climático favorável, demonstrando germinação uniforme e desenvolvimento sem intercorrências.

O plantio inicial do cereal, se comparado com a safra anterior, vem sendo realizado conforme a regularização das precipitações. Diante disso, cerca de 30% das lavouras já foram implantadas, com previsão de intensificação a partir de maio. Quanto ao estágio fenológico, a cultura encontra-se predominantemente

em fase de emergência e desenvolvimento vegetativo, sem intervenções fitossanitárias.

QUADRO 14 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2026								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,70	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense	2,31	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,99	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,18	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,34	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	2,32	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	2,90	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Paranaense	2,80			S	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	56,41		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	7,40			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,79		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	1,72		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	2,78		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandens	1,53		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: a cultura consolida-se como a principal aposta para a safra de inverno no estado. No ciclo 2025, foram cultivados 209,9 mil hectares, com produtividade média final de 1.621 kg/ha.

Para a safra de inverno 2026, a expectativa é de continuidade na expansão da área. O cenário é impulsionado por preços considerados satisfatórios pelo produtor e pelo incentivo da indústria por meio de contratos de fomento.

Na região noroeste do estado, principal polo produtor, a semeadura já iniciou, e a estimativa é que o acréscimo de área cultivada ultrapasse os 30% em comparação com a safra anterior.

Atualmente, os trabalhos de campo avançam de forma escalonada: 10% da área total prevista já foi semeada. Desse montante, 50% das lavouras encontram-se em fase de emergência e os outros 50% já avançaram para o estágio vegetativo.

Além da viabilidade comercial, o menor custo de produção em relação ao trigo e a rusticidade da planta são fatores decisivos para a escolha do grão.

Paraná: a semeadura foi iniciada. Fomentada pela boa demanda para a produção de óleos nobres e biodiesel, a cultura deve se consolidar como uma alternativa rentável de inverno.

CENTEIO

Paraná: o cultivo deve iniciar em maio.

CEVADA

Rio Grande do Sul: a expectativa inicial é de leve retomada da área cultivada com a cultura, sustentada pela presença de estrutura industrial compradora dos grãos na principal região produtora, estimulando o cultivo devido à possibilidade de comercialização com maior previsibilidade, pela redução da área destinada ao trigo e pela inserção da cultura em sistemas de rotação, sobretudo em propriedades que já utilizam essa alternativa entre

as culturas de inverno. Também contribui para essa expectativa o fato de a área cultivada com cevada ainda ser relativamente pequena em comparação com as demais culturas de inverno, o que favorece sua manutenção em parte dos sistemas de produção de grãos.

Paraná: semeadura prevista para ser realizada em junho.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: a rusticidade da cultura e o aumento de indústrias de etanol de cereais, com potencial de demandar o grão, podem estimular o cultivo. Por outro lado, ainda há incertezas quanto à efetiva consolidação dessa demanda no estado, somadas aos reflexos, para os produtores, das perdas por estiagem em safras recentes, e às condições mercadológicas da cultura na última temporada, que podem atuar como fator de desestímulo ao cultivo.

Paraná: semeadura prevista para iniciar em maio. A expectativa de aumento de área reflete a busca do produtor por alternativas de cultivos de inverno mais resilientes e de menor custo operacional frente ao cenário de desestímulo do trigo.

O mercado para esta cultura permanece concentrado na integração com a pecuária local e fábricas de ração.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



**MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR**

